

Os Dez Mandamentos

Os Dez Mandamentos

ESTA PUBLICAÇÃO NÃO É PARA SER VENDIDA.

É um serviço educacional de interesse público, publicada pela Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*.

© 2019 *Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional*

Todos os direitos reservados. Impresso nos E. U. A.

As Escrituras aqui citadas, salvo referido em contrário, são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC), SBB 1998.

Índice

- 3 A Lei Real do Amor
- 9 O Primeiro Mandamento: Qual é a Nossa Maior Prioridade?
- 14 Nossa Dependência do Deus Criador
- 15 O Segundo Mandamento: Como é Deus?
- 21 O Terceiro Mandamento: Da Blasfêmia ao Louvor
- 27 Os Diversos Nomes de Deus Revelam Muito Sobre Ele
- 28 O Quarto Mandamento: Chave Para um Relacionamento Com Nosso Criador
- 34 O Quinto Mandamento: A Base do Sucesso
- 38 Como Devemos Tratar os Pais que são Difíceis de Respeitar?
- 39 O Sexto Mandamento: A Vida é Um Dom Precioso
- 43 O Sétimo Mandamento: Proteger a Relação Conjugal
- 49 O Oitavo Mandamento: Dar ao Invés de Tirar
- 54 O Nono Mandamento: A Verdade Como um Caminho de Vida
- 59 O Décimo Mandamento: A Verdadeira Justiça Vem do Coração
- 64 Os Dez Mandamentos no Novo Testamento
- 68 Será que a Nova Aliança Aboliu os Mandamentos?
- 70 A Fé, a Graça e a Lei
- 72 O Novo Mandamento de Cristo

Versões Bíblicas

As escrituras citadas são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC). Quando outra versão é usada, a versão bíblica é referida com as seguintes abreviações:

ARA – Almeida Revista e Atualizada

ACF – Almeida Corrigida Fiel

BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje

NVI – Nova Versão Internacional

NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje

A Lei Real do Amor

“Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor” (1 João 4:7-8, ARA).

Jesus Cristo fundou a fé cristã sobre o princípio do *amor*: O profundo e sincero amor dos cristãos para com Deus e para com os seus semelhantes. João, discípulo de Jesus e um dos seus mais íntimos amigos, escreveu: “E nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem por nós. *Deus é amor*, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele” (1 João 4:16, ARA, grifo do autor ao longo do livro, salvo indicação em contrário).

Porém, em que consiste exatamente o amor?

Peça aos seus amigos para definir essa palavra. Veja se todos eles a retratam da mesma maneira. Será que eles vão descrevê-la como um sentimento? Ou será que a definirão como um sublime gesto de cuidar dos nossos semelhantes, porém sem esclarecer o que implica ‘cuidar’? E, quantos não reduzem o amor a alguma forma de atração sexual?

Está claríssimo que a palavra *amor* não significa sempre a mesma coisa. Uma pessoa pode dizer: “Eu amo sorvete,” simplesmente significando que ele desfruta-o. Outra dirá: “Oh, amo a sua roupa”, significando que admira ou deseja a roupa que você está vestindo.

Não seria maravilhoso se pudéssemos usar uma definição consistente de amor, especialmente quando estamos falando sobre o amor que Deus tem para nós e o amor que devemos ter uns pelos outros?

Infelizmente, falta essa coerência ao mundo. A maioria das pessoas irá reconhecer que o amor, ou pelo menos certo respeito, é essencial para as relações pessoais. Por isso é preciso ter muito cuidado ao analisar as diferentes definições do que é o amor. Algumas são tão vagas que podem, e aceitam por bem, quase qualquer forma de conduta. Às vezes, a palavra amor não passa de um hábil disfarce para determinados padrões de conduta nocivos.

Muitas pessoas religiosas abraçam o princípio de amar os outros como a si mesmos, mas desconhecem como a Bíblia define o amor. Consequentemente, não entendem a necessidade de pôr em prática as normas bíblicas que determinam o êxito ou o fracasso do seu relacionamento com os outros.

Os Dez Mandamentos definem o amor

Para o amor seja significativo é necessário ser definido e entendido corretamente. É este o propósito da Lei de Deus, particularmente os Dez Mandamentos.

Você sabe qual é a finalidade da lei de Deus? Jesus Cristo explicou que o propósito fundamental da Lei é nos ensinar como aplicar os dois grandes

princípios de amar a Deus e amar uns aos outros. Ele foi bem claro quando alguém Lhe perguntou: “Mestre, qual é o grande mandamento da lei?” Jesus respondeu citando a duas passagens do Antigo Testamento, declarando: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desse dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas” (Mateus 22:35-40).

Apesar da tremenda explosão do conhecimento que temos experimentado como é possível que tão poucas pessoas entendam esta verdade elementar da Palavra de Deus? Por que não conseguimos entender que ‘toda a lei e os profetas’, que conhecemos como o Antigo Testamento, em primeiro lugar nos ensina o modo correto de *amar*; logo, de forma vívida, nos mostram os males consequentes da *falta* de amor? Por que tantas pessoas acreditam que o amor divino é ensinado apenas no Novo Testamento?

O amor no Antigo Testamento

O amor é o centro de *todas* as Escrituras, tanto do Antigo como do Novo Testamento. Não obstante, Muitos ficariam surpresos ao saber que Jesus estava citando o Antigo Testamento ao dar a instrução de “*amar ao teu próximo como a ti mesmo*” (Levítico 19:18).

E aí também Moisés escreveu: “Agora, pois, ó Israel, que é o que o SENHOR, teu Deus, pede de ti, senão que temas o SENHOR, teu Deus, e que andes em todos os seus caminhos, e *o ames*, e sirvas ao SENHOR, teu Deus, com todo o teu coração e com toda a tua alma, para *guardares os mandamentos do SENHOR* e os seus estatutos, que hoje te ordeno, *para o teu bem*?” (Deuteronômio 10:12-13).

Todos os mandamentos de Deus são *para nosso bem*. Você notou que na passagem anterior *obedecer aos mandamentos de Deus e praticar o amor* estão irrevogavelmente ligados perante os olhos de Deus? Isto é porque os mandamentos *definem* o amor que é a base para todas as relações boas e corretas.

Simplemente o amor resume o propósito dos Dez Mandamentos. Paulo escreveu: “Pois estes mandamentos: ‘Não adulterarás’, ‘Não matarás’, ‘Não furtarás’, ‘Não cobiçarás’, e qualquer outro mandamento, todos *se resumem* neste preceito: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’” (Romanos 13:9, NVI).

O amor de Deus pela humanidade

Desde o início, a interação de Deus com os seres humanos tem sido motivada por *Seu amor por nós*. Como Jesus disse: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele” (João 3:16-17).

Deus quer que vivamos para sempre—alcançando a vida eterna. Mas

primeiro temos de aprender a amar e conviver uns com os outros. É por isso que o amor é tão importante.

A paz e a harmonia são impossíveis sem respeito e amor. Imagine que Deus nos desse a vida eterna sem primeiro nos ensinar a amar os outros, Ele estaria nos condenando a uma eternidade de conflitos e caos permanentes.

Deus não permitirá que levemos para a eternidade os ressentimentos, invejas, hostilidades e desejos egoístas de nossa mente carnal. Temos de aprender o verdadeiro significado do amor ou simplesmente não poderemos receber a vida eterna. “Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; quem não ama a seu irmão permanece na morte. Qualquer que aborrece a seu irmão é homicida. E vós sabeis que nenhum homicida tem permanente nele a vida eterna” (1 João 3:14-15).

Então, voltando à pergunta: O que é o amor? João dá-nos a resposta. “E o amor é este: *que andemos segundo os seus mandamentos . . .*” (2 João 1:6, ARA). O apóstolo Paulo nos diz que “*o amor é o cumprimento da Lei*” (Romanos 13:10, NVI).

Tiago, outro escritor bíblico, mostra-nos com bastante clareza que a lei real do amor inclui especificamente os Dez Mandamentos: “Todavia, se cumprirdes, conforme a Escritura, a lei real: Amarás a teu próximo como a ti mesmo, bem fazeis. Mas, se fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado e sois redargüidos pela lei como transgressores. Porque qualquer que guardar toda a lei e tropeçar em um só ponto tornou-se culpado de todos. Porque aquele que disse [nos Dez Mandamentos]: Não cometerás adultério, também disse: Não matarás. Se tu, pois, não cometeres adultério, mas matares, estás feito transgressor da lei” (Tiago 2:8-11).

O que é pecado?

Observe como a Bíblia define o pecado: “Qualquer que comete o pecado também comete iniquidade, porque o pecado é iniquidade” (1 João 3:4). Ou como a versão Almeida Revista e Atualizada diz, “o pecado é a transgressão da lei”. Segundo a Bíblia, o pecado é simplesmente transgredir qualquer um dos mandamentos de Deus.

Como o pecado afeta o relacionamento com Jesus Cristo? “Vocês sabem que ele se manifestou para tirar os nossos pecados, e nele não há pecado. Todo aquele que nele permanece não está no pecado. Todo aquele que está no pecado não o viu nem o conheceu” (1 João 3:5-6, NVI).

Estas são declarações realmente preocupantes.

João continua: “Desta forma sabemos quem são os filhos de Deus e quem são os filhos do Diabo: quem não pratica a justiça não procede de Deus, tampouco quem não ama seu irmão” (versículo 10, NIV).

Como sabemos que conhecemos a Deus e temos um bom relacionamento com Ele? “Aquele que diz: ‘Eu o conheço’, mas não obedece aos seus mandamentos, é mentiroso, e a verdade não está nele. Mas, se alguém obedece à sua palavra, nele verdadeiramente o amor de Deus está aperfeiçoado. Desta

forma sabemos que estamos nele: aquele que afirma que permanece nele, deve andar como ele andou” (1 João 2:4-6, NVI).

Como Jesus andou? Ele nos disse: “*Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor*, do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor” (João 15:10).

Nas palavras do próprio Jesus Cristo, para “permanecer no”—ou manter a prática do—amor divino é preciso guardar os mandamentos de Deus. Seu exemplo nos ensina que *a obediência e o amor divino são inseparáveis*. Cometer pecado é pura e simplesmente violar as regras divinas do amor; o que acontece sempre que transgredimos os *mandamentos de Deus*. O pecado é iniquidade—negligenciar ou recusar-se a se comprometer com as normas de Deus que *definem* o Seu amor verdadeiro.

A lei e a liberdade

Deus não nos dá a liberdade para que nos comportemos a nosso bel-prazer e satisfação. Embora a Bíblia retrate a lei de Deus como a lei da liberdade, obviamente significando a liberdade de como ser livres do pecado e de suas consequências devastadoras—e *não* liberdade para satisfazer nossos desejos egoístas.

Os nossos pecados nos infligem pesadas consequências. Condenando o pecado da humanidade, Paulo citou o profeta Isaías, ao escrever, “em seus caminhos há destruição e miséria; e não conheceram o caminho da paz” (Romanos 3:16-17). Ele comparou os efeitos do pecado à *escravidão*—o oposto de liberdade: “Porque, quando éreis servos do pecado, estáveis livres da justiça. E que fruto tínheis, então, das coisas de que agora vos envergonhaiis? Porque o fim delas é a morte” (Romanos 6:20-21, NVI).

O pecado, transgressão da lei de Deus, não só nos escraviza mas, se persistir, também impedirá que recebamos a vida eterna (veja Mateus 19:17). É por isso que Tiago nos diz: “Assim *falai* e assim *procedei*, como devendo ser julgados pela *lei da liberdade*” (Tiago 2:12). Os mandamentos de Deus definem a norma fundamental pela qual Ele nos julgará.

Somente quando nos arrependemos e deixamos de transgredir as leis de Deus, podemos ficar livres das consequências do pecado, e isto por mérito do sacrifício de Jesus, o único meio de sermos purificados dos nossos pecados (Atos 2:38, 1 João 1:7). Paulo explica que esta verdadeira liberdade da escravidão do pecado está disponível apenas para aqueles que sinceramente decidem obedecer Deus: “Mas graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina [*ensinamentos*] a que fostes entregues” (Romanos 6:17).

João une tudo isso ao explicar que *obedecer os mandamentos de Deus é colocar em prática o amor de Deus*. “Porque *este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos*; ora, os seus mandamentos não são penosos” (1 João 5:3, ARA). Em vez de ser uma carga, os mandamentos de Deus iluminam caminho para o amor divino e a liberdade.

Esta verdade é eloquentemente ilustrada no Salmo 119. Nos versículos 44-45 o salmista escreveu: “Assim, observarei de contínuo a tua lei, para sempre e eternamente. E andarei em liberdade, pois busquei os teus preceitos”.

E nos versículos 98-105, ele adicionou: “Tu, pelos teus mandamentos, me fazes mais sábio que meus inimigos, pois estão sempre comigo. Tenho mais entendimento do que todos os meus mestres, porque medito nos teus testemunhos. Sou mais prudente do que os velhos, porque guardo os teus preceitos. Desviei os meus pés de todo caminho mau, para observar a tua



palavra. Não me apartei dos teus juízos, porque tu me ensinaste. Oh! Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! Mais doces do que o mel à minha boca. Pelos teus mandamentos, alcancei entendimento; pelo que aborreço todo falso caminho. Lâmpada para os meus pés é tua palavra e luz, para o meu caminho”.

Paulo comparou os efeitos do pecado à escravidão—o oposto de liberdade.

Não foi por acaso que Jesus nos lembrou: “Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mateus 4:4, citando Deuteronômio 8:3). Os Dez Mandamentos são a espinha dorsal de todas as palavras inspiradas de Deus. E Paulo nos diz: “A circuncisão não significa nada, e a incircuncisão também nada é; o que importa é *obedecer aos mandamentos de Deus*” (1 Coríntios 7:19, NVI).

Um guia de conduta

A Bíblia é para ser um guia do comportamento humano e os Dez Mandamentos podem ser vistos como um índice de princípios. Por si só, os mandamentos não representam toda a instrução de Deus para o ser humano, mas claramente *resumem* a maneira como Ele pretende que vivamos.

Jesus disse: “Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim ab-rogar, mas cumprir” (Mateus 5:17). Por “cumprir”, Ele quis dizer que seus ensinamentos e exemplo pessoal iriam *preencher* ou *expandir* a aplicação dos mandamentos de Deus. A palavra grega *pleroo*, que é traduzida por “cumprir”, significa “estar cheio, preencher completamente” (*Dicionário Expositivo Completo de Vine de Palavras do Antigo e do Novo Testamento* [Vine’s Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words], de 1985, “Cumprir”). Outras frases apropriadas para *pleroo* neste contexto são “encher até a borda”, “subir o nível” e “tornar repleto”.

Jesus Cristo enfatizou a Seus discípulos que Sua missão e propósito era

aumentar ou *preencher totalmente* o significado pretendido dos Dez Mandamentos—não anulá-los ou desfazer-se deles. E para frisar bem este aspecto, nesta mesma passagem Ele confirma alguns mandamentos específicos e, em seguida, expande a sua aplicação.

Ele primeiro se concentra no mandamento que proíbe o assassinato: “Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo. Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão será réu de juízo, e qualquer que chamar a seu irmão de raca [*proferir um insulto*] será réu do Sinédrio; e qualquer que lhe chamar de louco será réu do fogo do inferno” (versículos 21-22).

Jesus Cristo mostrou que o princípio contido neste mandamento vai muito além de tirar a vida de outro ser humano. *Ele inclui os efeitos destrutivos da raiva e amargura.* Cristo explicou que condenar e odiar alguém em nossos corações pode nos impedir de herdar a vida eterna. Em outras palavras, Jesus mostrou que Seus ensinamentos *ampliam e explicam* o comportamento exigido que está resumido nos Dez Mandamentos.

Os Dez Mandamentos e as relações interpessoais

Quando Jesus esclareceu que tudo o que está escrito na “Lei e os Profetas” está compreendido dentro dos dois grandes princípios de amar a Deus e amar ao próximo, ele estava enfatizando a importância de relacionamentos (Mateus 22:35-40). Ele estava nos dizendo que cada mandamento de Deus define um aspecto do relacionamento exemplar que devemos ter uns com os outros e com Ele.

Ao observarmos atentamente os Dez Mandamentos, vemos que os quatro primeiros definem como se relacionar com Deus—como demonstrar amor e respeito por nosso Criador. Os outros seis definem o essencial para relacionarmos corretamente com as outras pessoas. Isso é fundamental para compreender as leis de Deus e sua importância. Eles não são meras regras ou rituais. Pois não se trata, meramente, de regulamentos ou rituais; e quem assim os considera tem um conceito equivocado da intenção e propósito de Deus ao nos dar a Sua lei.

Claramente Deus nos diz que todos os Seus mandamentos são para o *nosso bem*. Eles têm um propósito. Eles devem ser uma *bênção* e um *benefício* para a humanidade. Eles definem as relações que produzem a cooperação, o respeito e a estabilidade em qualquer sociedade que os entenda e aplique corretamente.

O propósito deste livro é ajudar você a entender melhor os Dez Mandamentos e a pô-los em prática. São muitas as pessoas que, vendo os Dez Mandamentos como simplesmente uma enfadonha lista de proibições, não se dão conta do seu verdadeiro propósito. Esperamos que este livro possa inspirá-lo a ter uma apreciação tão grande da sabedoria de Deus a ponto de reconhecer os Seus Mandamentos como a norma a observar para o seu próprio comportamento pessoal. Este é o exemplo que Jesus nos deixou (João 15:10, 1 Pedro 2:21, 1 João 2:6).

O Primeiro Mandamento

Qual é a Nossa Maior Prioridade?

“Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim” (Êxodo 20:2-3).

Quando alguém perguntou a Jesus qual era o maior mandamento da Lei, ele respondeu citando o preceito da Lei que enfatiza a suprema importância da nossa relação pessoal com Deus: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento” (Mateus 22:35-38, veja também Deuteronômio 6:5).

Estabelecer, desenvolver e manter esse relacionamento pessoal com o Deus vivo e verdadeiro é o compromisso mais importante que podemos ter sempre. E isso é o foco principal do primeiro dos Dez Mandamentos: “Não terás outros deuses diante de mim” (Êxodo 20:3).

O poder supremo que guia as nossas vidas, que controla os nossos ideais, deve ser o foco de nossa adoração. Muitas coisas podem tomar o lugar do culto ao verdadeiro Deus em nossos corações e mentes. A adoração destas coisas irá eliminar qualquer possibilidade de estabelecer ou manter um relacionamento verdadeiro com Deus.

A base de nosso relacionamento com Deus

A Bíblia é muito clara no que se refere à nossa relação com Deus. Primeiro de tudo, Ele é nosso Criador!

O profeta Isaías repreendeu os antigos Israelitas por estes não entenderem o que significa honrar e confiar no Criador. “Levantai ao alto os olhos e vede quem criou estas coisas, quem produz por conta o seu exército, quem a todas chama pelo seu nome; por causa da grandeza das suas forças e pela fortaleza do seu poder, nenhuma faltará” (Isaías 40:26).

“Por que, pois, dizes, ó Jacó, e tu falas, ó Israel: O meu caminho está encoberito ao SENHOR, e o meu juízo passa de largo pelo meu Deus? Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o SENHOR, o *Criador* dos confins da terra, nem se cansa, nem se fatiga? Não há esquadrinhação do seu entendimento” (versículos 27-28).

Tudo o que somos e tudo o que temos, enfim, provém de uma única fonte—Deus. Paulo nos adverte para “não sermos altivos, nem pôr a esperança na incerteza das riquezas, mas *em Deus*, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos” (1 Timóteo 6:17). A única garantia de que nosso

futuro está seguro encontra-se em nosso relacionamento com nosso Criador.

A Bíblia afirma que o nosso Criador está vivo e é real—o único e verdadeiro Deus. “Mas o SENHOR Deus é a verdade; ele mesmo é o Deus vivo e o Rei eterno” (Jeremias 10:10).

Ele criou para nós uma morada maravilhosa—nosso belo planeta. Ele fez isso para prover tudo o que precisamos para a nosso bem-estar e subsistência física e material. É Seu desejo que apreciemos e desfrutemos de sua dádiva.

Ao mesmo tempo, Ele quer que entendamos que nunca devemos dirigir nossa adoração a nenhuma das coisas que Ele criou e nem devemos *considerá-las* como fonte de nossa vida e bênçãos. Somente o Criador—nunca a criação—deve receber essa honra.

A veneração da natureza

A adoração do homem à natureza, ou a algum aspecto da mesma, tem dado lugar a um sem número de religiões idólatras. O *Manual Eerdman da Bíblia* [*Eerdman's Handbook to the Bible*] explica, sucintamente, as bases das religiões contemporâneas da antiga Israel: “As grandes culturas idólatras do Egito e Mesopotâmia refletem fielmente o meio em que viviam. Sua religião como a dos seus vizinhos Heteus e Cananeus, *centrava-se na natureza*. Eles não tinham o verdadeiro conceito de um Deus único, o Criador todo-poderoso. E assim atribuíam os caprichos do clima, os sucessos, ou insucessos, agrícolas e a geografia do mundo ao seu redor a toda uma série de deuses” (1973, pág. 10, grifo nosso).

Tanto os egípcios como os moradores da Mesopotâmia criam que as forças da natureza eram espíritos poderosos que influenciavam seu mundo. Esta adoração supersticiosa do sol, a lua e as estrelas, assim como a mãe natureza e a maioria de seus fenômenos, tais como os raios, os trovões, a chuva, e o fogo, continua até ao presente em algumas culturas deste mundo. Ironicamente, este conceito também tem sido adotado por algumas religiões modernas que ensinam que Deus é a soma de todas as forças naturais do universo. Porém, todas essas religiões têm uma coisa em comum—não conseguem distinguir o Criador da sua criação.

Muitas pessoas confiam na astrologia; ao fazê-lo, quer conscientemente ou não, estão atribuindo poder divino à criação—as estrelas—em lugar de ao seu Criador. Deus nos adverte contra esta prática. “E não levantes os teus olhos aos céus e vejas o sol, e a lua, e as estrelas, todo o exército dos céus, e sejas impelido a que te inclines perante eles, e sirvas àqueles que o SENHOR, teu Deus, repartiu a todos os povos debaixo de todos os céus” (Deuteronômio 4:19). A astrologia é simplesmente uma forma de buscar guia espiritual na criação em lugar do Criador.

Exaltar a criação é a pedra angular do conceito materialista do universo que goza de muita popularidade no mundo de hoje. A teoria de que a vida evoluiu a partir de matéria inerte, não é mais que uma tentativa de explicar

a criação—de nosso incrível universo—sem a inteligência de um Criador.

Não obstante, há cientistas responsáveis que refutam a crença duma geração espontânea da vida. Alguns têm mesmo demonstrado a impossibilidade científica de que a vida proceda ou evolua de onde não exista vida. A pesquisa demonstra que as células, que são a unidade básica da vida, são formadas de tantos sistemas interativos e sumamente complexos que a possibilidade de vida originada espontaneamente desafia até o conceito mais exagerado das leis da probabilidade.



Michael Behe, professor associado de Bioquímica da Universidade de Lehigh, Bethlehem, Pensilvânia, escreveu: “O resultado desses esforços acumulados para investigar a célula—para a exploração da vida no plano molecular—é um grito claro, forte e penetrante de ‘*design*’! O resultado é tão claro e significativo que deve ser considerado como uma das maiores

Deus criou para nós uma morada maravilhosa—nosso belo planeta. Ele fez isso para prover tudo o que precisamos para a nosso bem-estar e subsistência física e material.

conquistas da história da ciência” (*A Caixa Preta de Darwin* [*Darwin's Black Box*], 1996, págs. 232-233). Doutor Behe refuta firmemente a possibilidade de que a vida tenha evoluído. Em outras palavras, *a sólida prova científica demonstra que a existência da criação exige a existência de um Criador*. (Para saber mais, baixe ou peça nosso livros gratuitos *A Questão Fundamental da Vida: Deus Existe?* e *Criação ou Evolução: Realmente Importa em que Você Acredita?*).

Por que as pessoas se voltam para a superstição e a idolatria?

Há cerca de dois mil anos o apóstolo Paulo, na sua epístola aos crentes em Roma, ensinou que, em larga medida, a superstição e a cegueira espiritual se devem à tendência humana de atribuir inteligência e poderes capazes de criar vida à criação física. “Porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis. Por isso Deus os entregou à impureza sexual, segundo os desejos pecaminosos

do seu coração, para a degradação do seu corpo entre si. Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a *coisas e seres criados*, em lugar do Criador, que é bendito para sempre” (Romanos 1:21-25, NVI).

O Primeiro Mandamento nos adverte a não aceitar uma religião ou filosofia que ensine que nossa vida e bem-estar se originam ou dependem de algo que não seja o verdadeiro e único Deus. Não existem inúmeras divindades. Não existe outra fonte de vida ou de bênçãos além de Deus. Não existe outro poder que reine sobre os céus e a terra. “Eis que os céus e os céus dos céus são do SENHOR, teu Deus, a terra e tudo o que nela há” (Deuteronômio 10:14). Somente Deus criou e sustenta o universo em que vivemos.

Esta é a poderosa mensagem do Primeiro Mandamento: Que nós devemos adorar e servir unicamente ao nosso Criador—o Deus que opera milagres; que livrou a antiga Israel da escravidão no Egito—e não atribuir a nossa existência e as bênçãos que recebemos a nenhuma outra fonte. Devemos amar, respeitar e honrar ao único Deus—porque só assim teremos um relacionamento pessoal e genuíno com Ele.

Como o Deus verdadeiro pode ser mais real para nós?

É através das admiráveis obras de Deus que podemos compreender melhor o seu caráter. Davi descreve, entusiasticamente, a sua admiração pelo cuidado e preocupação que Deus tem com a Sua criação: “Falarei da magnificência gloriosa da tua majestade e das tuas obras maravilhosas. E se falará da força dos teus feitos terríveis; e contarei a tua grandeza. Publicarão abundantemente a memória da tua grande bondade e cantarão a tua justiça. Piedoso e benigno é o SENHOR, sofredor e de grande misericórdia. O SENHOR é bom para todos, e as suas misericórdias são sobre todas as suas obras (Salmos 145:5-9).

Outro Salmo exclama: “Louvem ao SENHOR pela sua bondade e pelas suas maravilhas para com os filhos dos homens! Pois fartou a alma sedenta e encheu de bens a alma faminta” (Salmos 107:8-9).

Por sua vez, Moisés disse que nosso Criador “faz justiça ao órfão e à viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e veste” (Deuteronômio 10:18). E Jesus explica que Deus é tão amoroso e misericordioso para com todos que “faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos” (Mateus 5:45). Deus está preocupado com o bem-estar de *todas* as pessoas—até mesmo aquelas que vivem ignorando Sua existência.

Por que é tão importante que entendamos a essência do caráter de Deus? Porque é vital entendermos que Deus quer criar *em nós* esse mesmo caráter—Sua natureza divina. Pedro diz que Deus “nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiquéis participantes da natureza divina” (2 Pedro 1:4).

Entender estas verdades envolve uma grande mudança de mentalidade. Como Paulo nos diz: “não vos conformeis com este mundo, *mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento*” (Romanos 12:2). Que tipo de renovação deverá ocorrer em nosso pensamento? Paulo explica: “Tenham

entre vocês o *mesmo modo de pensar que Cristo Jesus tinha*” (Filipenses 2:5, BLH). É o propósito de Deus que sigamos o exemplo perfeito que Jesus nos deixou; Sua forma de pensar, suas atitudes e seu conceito de vida!

Como pode acontecer esta mudança na nossa forma de pensar?

Aproximar-se do verdadeiro Deus

Podemos conhecer a Deus praticando os Seus caminhos e amando os nossos semelhantes, motivados por este procedimento. “Se obedecemos aos mandamentos de Deus, então temos certeza de que o conhecemos” (1 João 2:3). E, “quem não ama não o conhece, pois Deus é amor” (1 João 4:8).

A Bíblia é um manual que nos diz o que precisamos saber sobre Deus. Cristo nos disse: “Nem só de pão viverá o homem, *mas de toda a palavra que sai da boca de Deus*” (Mateus 4:4; veja também Deuteronômio 8:3). Paulo explicou que “toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra” (2 Timóteo 3:16-17).

Para conhecer a Deus, devemos estudar as Escrituras inspiradas. “Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade” (2 Timóteo 2:15, NVI).

O relacionamento familiar

A relação que Deus quer ter conosco é como a de um pai com seus filhos. “Eu serei para vós Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o SENHOR Todo-poderoso” (2 Coríntios 6:18).

Aqui podemos ver em que consiste o impressionante propósito de nossa existência—Um progresso contínuo de um carácter justo até à plena realização do nosso potencial como membros da família de Deus (mesmo versículo; Mateus 5:48).

O apóstolo João enfatiza a importância dessa relação especial: “Vede quão grande caridade nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus. Por isso, o mundo não nos conhece, porque não conhece a ele. Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos. E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro” (1 João 3:1-3).

E foi para este propósito que Jesus Cristo nasceu para ser o Salvador da humanidade. “Vemos, porém, coroado de glória e de honra aquele Jesus que fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos. Porque convinha que aquele, para quem são todas as coisas e mediante quem tudo existe, *trazendo muitos filhos à glória*, consagrasse, pelas aflições, o Príncipe da salvação deles. Porque, assim o que santifica como os que são santificados, são todos de um [Pai], por cuja causa não se envergonha de

lhes chamar irmãos” (Hebreus 2:9-11).

Este é o maravilhoso propósito para o qual você nasceu—*para se tornar um membro da família de Deus!*

Que amor extraordinário o Deus vivo, o Criador do universo, tem reservado para nós. Ele quer que sejamos parte de Sua família e que vivamos para sempre no Seu Reino. Ele nos disse que a *maior prioridade* em nossa vida deve ser buscar “primeiro o Reino de Deus e a Sua justiça” (Mateus 6:33). Nosso Pai Celestial nos deu essa vida para que busquemos uma relação permanente com Ele e para que possamos receber a vida eterna como Seus filhos.

Devemos amar, honrar e respeitar somente a Ele como nossa autoridade suprema e modelo em nossas vidas. Não devemos permitir que alguma coisa, pessoa, interesse ou objetivo nos impeça de servir e obedecer a Deus!

Nossa Dependência do Deus Criador

Será que não nos damos conta da fragilidade de nossa existência e de como sempre somos dependentes dos cuidados de Deus? Se Deus permitir que se alterem apenas alguns graus na temperatura média da superfície terrestre, o sistema ecológico perfeitamente equilibrado e necessário para nossa existência seria devastado. Até mudanças mínimas na atmosfera da terra permitiria que a radiação destrutiva nos tornasse estéreis e a vida humana rapidamente seria extinta. A menos que o tênue equilíbrio do nitrogênio, oxigênio, dióxido de carbono, ozônio e outros gases e elementos essenciais mantenham consistentemente a atmosfera, a vida como a conhecemos não poderia existir no planeta terra.

O mesmo equilíbrio é evidente no volume e distribuição das águas nos oceanos, lagos, rios, glaciares, aquíferos e bancos de neve nas montanhas em relação à massa do planeta terra. A dispersão eficiente da água é essencial para irrigar adequadamente a superfície terrestre. O incrível sistema das estações nos permite produzir alimentos, eliminar os resíduos da terra e outras inúmeras necessidades—para não mencionar o lazer e a beleza que nos proporciona.

Todos os dias nós dependemos desse delicado equilíbrio. Deus revela que Ele mesmo diligentemente rege e controla tudo. E foi Ele quem “fez o mundo e tudo que nele há” e é “Senhor do céu e da terra, [que] não habita em templos feitos por mãos de homens. Nem tampouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa; pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas” (Atos 17:24-25).

Apesar do poder e da grandiosa majestade de Deus, Ele “não está longe de cada um de nós; porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos . . .” (Versículos 27-28).

O Segundo Mandamento Como é Deus?

“Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o SENHOR, teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia em milhares aos que me amam e guardam os meus mandamentos” (Êxodo 20:4-6).

O Segundo Mandamento atinge o âmago da nossa relação com o nosso Criador. E trata de questões cruciais: Qual o nosso conceito de Deus? Como O explicamos para nós mesmos e para os outros? Os ídolos são representação de deuses falsos e inexistentes, mas, podemos usar pinturas ou outro tipo de imagens para representar o verdadeiro Deus? Além disso, qual é a maneira correta de adorar ao único Deus verdadeiro?

No Primeiro Mandamento aprendemos que é errado permitir que coisa alguma da criação, inclusive o ser humano, *se torne mais importante* para nós que o nosso Criador.

O Segundo Mandamento difere do Primeiro na medida em que nos explica que, na nossa adoração, *não devemos reduzir Deus à semelhança de um objeto físico*. Pois, isso é, sem dúvida, inaceitável para Deus.

Este segundo mandamento proíbe explicitamente o uso de qualquer tipo de símbolos ou imagens sem vida—“nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra”—na adoração do Deus vivo.

No entanto, Deus criou na terra uma imagem de Si mesmo—nos seres humanos. Sua Palavra nos diz especificamente que Ele criou “o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou” (Gênesis 1:27).

Os seres humanos—descendentes de Adão e Eva—são *imagens viventes do Deus vivo*. De toda a criação, apenas nós fomos criados à Sua semelhança. “No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez. Macho e fêmea os criou, e os abençoou, e chamou o seu nome Adão, no dia em que foram criados” (Gênesis 5:1-2).

Nosso Criador é um Deus *vivo* e não uma estátua, figura ou imagem inanimada. Fazer qualquer representação física Dele desvirtua e limita a nossa percepção do que Ele realmente é e isso prejudica a nossa relação com Ele.

De todas as coisas existentes sobre a terra e nos céus, somente os viventes seres humanos refletem razoavelmente alguma semelhança do Deus vivo. Da mesma forma, Jesus Cristo, como homem, foi à imagem de Seu Pai. Deus,

não somente criou o gênero humano à sua imagem como também os criou com o propósito de se tornarem semelhantes a Ele. Ser como Deus—desenvolver Seu próprio caráter em nós—é toda a razão da nossa existência. É por isto que uma compreensão clara do propósito do Segundo Mandamento é muito importante.

Somente Deus pode revelar como Ele é

Em certo sentido, o que Deus quer dizer à humanidade no Segundo Mandamento é: “Não tentem dizer-me como eu sou. *Eu* direi a *vocês* como Sou! É importante que entendam corretamente que eu não aceitarei nenhuma representação de Mim”.

Precisamos ter uma compreensão realista de como nos identificamos com Deus em nossa condição atual. Também precisamos entender como estamos destinados a nos tornar ainda *mais parecidos com Ele*.

Deus nos dotou de capacidade criativa e de liderança comparáveis às Suas próprias, ainda que, obviamente a uma escala ínfima. Em toda a vasta criação, unicamente o ser humano possui verdadeiro poder racional. Por meio da nossa mente podemos raciocinar, analisar, planejar e visualizar o futuro. Nós criamos literatura, arte, música e poesia. Nós conseguimos projetar e construir. Podemos organizar, dirigir e supervisionar coisas, animais e pessoas. Nós somos—de forma limitada—muito semelhante a Deus.

Mas em outras áreas nós, como humanidade, estamos longe de ser como Ele. Nosso caráter tende à fraqueza. Nossos relacionamentos uns com os outros deixam muito a desejar. Nossa compreensão espiritual é limitada e muita vez falha e é distorcida. Nossas percepções são quase sempre imprecisas. Somos parciais em nossas opiniões. Abrigamos preconceitos e estamos prontos a nos metermos em conflitos. Em todos estes aspectos espirituais estamos muito longe de nos assemelharmos a Deus. De qualquer forma, Deus nos deu habilidades limitadas e características semelhantes às Suas e por isso precisamos muito nos desenvolver e aperfeiçoar antes de realmente nos tornarmos semelhantes a Ele em natureza e caráter.

O exemplo perfeito

Contudo, Deus não nos deixou sem um modelo perfeito do Seu caráter. Jesus Cristo, como um ser humano, *representou perfeitamente* a Deus e disse aos Seus discípulos: “Quem me vê a mim vê o Pai” (João 14:9).

Paulo descreve Jesus como a “imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação” (Colossenses 1:15). E, na mesma epístola, ele assim descreve os cristãos: “. . . pois que já vos despistes do velho homem com os seus feitos e vos vestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou” (Colossenses 3:9-10).

Deus propõe-se mudar a natureza espiritual do homem. Tal como Cristo é “a imagem do Deus invisível”, assim o propósito do Pai é recriar o *nosso* caráter conforme a *imagem de Cristo*. O tempo está chegando quando Deus

vai transformar aqueles que se tornaram semelhante a Ele, de coração e mente, de uma existência física para uma existência espiritual.

Na carta à Igreja de Corinto, o apóstolo Paulo esclareceu como se dará esta mudança: “E, agora, digo isto, irmãos: que carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção. Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade e que isto que é mortal se revista da imortalidade” (1 Coríntios 15:50-53).

Deste modo Deus completará o processo da maravilhosa transformação pela qual nos deixará semelhante a Ele. O apóstolo João refere-se a esta mesma transformação, quando escreveu: “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, *seremos semelhantes a Ele*; porque assim como é o veremos” (1 João 3:2).

Ser como Deus é o nosso destino—desde que entregemos as nossas vidas a Ele em obediência aos Seus mandamentos. (Para mais informações, você pode baixar ou solicitar nossos livros gratuitos *Qual é o Seu Destino?* e *Transformando a Sua Vida: O Processo de Conversão*).

Deus exige uma prestação de contas

Isto leva-nos à última parte do segundo mandamento: “Porque eu, o SENHOR, teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia em milhares aos que me amam e guardam os meus mandamentos” (Êxodo 20:5-6).

Deus nos considera responsáveis por nossas palavras e ações. Curvar-se diante de um ídolo para reverenciá-lo como se fosse a própria imagem de Deus pode parecer um ato de grande devoção para alguém que ignora o grande propósito de Deus para os seres humanos. *Mas Deus espera que aqueles que desejam adorá-Lo verdadeiramente demonstrem seu amor por Ele guardando os Seus mandamentos de coração e não cumprindo rituais inúteis diante de algum objeto*.

Jesus deixou isso bem claro quando disse: “Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade” (João 4:24). Não devemos adorar a Deus com imagens e rituais sem sentido. Jesus explicou que “os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem” (versículo 23).

O conhecimento e compreensão da verdade de Deus são essenciais para desenvolver o caráter santo e justo que Ele deseja criar em nós. Isso significa que temos de aprender e crescer (2 Pedro 3:18).

Como lemos em Provérbios 2:1-5: “Filho meu, se aceitares as minhas palavras e esconderes contigo os meus mandamentos, para fazeres atento à

sabedoria o teu ouvido, e para inclinares o teu coração ao entendimento, e, se clamares por entendimento, e por inteligência alçaes a tua voz, se como a prata a buscares e como a tesouros escondidos a procuraes, então, entenderás o temor do SENHOR e acharás o conhecimento de Deus”.

Uma vez que alcancemos o entendimento da revelação de Deus passamos a ser responsáveis perante Ele pelo que sabemos. Porque devemos aplicar esse conhecimento revelado em nossas vidas. Somente aqueles que *orientam* as suas vidas em conformidade com o que aprendem de Deus são Seus verdadeiros adoradores (Romanos 2:13, Tiago 1:22-25). O apóstolo João foi bem claro quando afirmou: “Aquele que diz: Eu conheço-o e não guarda os seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade” (1 João 2:4).

Quando obedecemos a Deus estamos *imitando-O*, ao pensar e viver como Ele. Está se tornando como Ele internamente. Nós permitimos que Ele nos molde espiritualmente à Sua semelhança. Nós honramos e magnificamos a Deus *pela forma em que vivemos*.

Os efeitos traiçoeiros da idolatria

A imagem física de uma divindade quer seja uma gravura, uma pintura, uma fotografia ou uma escultura não tem vida nem poder algum. Mesmo se soubéssemos exatamente qual é a aparência de Deus—e isso ninguém sabe—seria impossível fazer uma imagem que desse, sequer, uma pálida ideia dos múltiplos aspectos do caráter de Deus conforme nos é revelado na Sua Palavra escrita, a Bíblia. Algumas vezes, Deus age com mansidão e misericórdia e em outras age com grande ira e poder. Não devemos considerar somente um aspecto da Sua personalidade ou caráter sem levar em conta toda a majestade do seu Ser e Natureza. Deus pede que leiamos acerca dEle, aprendamos como Ele é e que O imitemos.

Depois de escrever os Dez Mandamentos em tábuas de pedra, Deus explicou por que não queria que imagens fossem usadas em Sua adoração: “Guardai, pois, com diligência a vossa alma, pois semelhança nenhuma vistes no dia em que o SENHOR, vosso Deus, em Horebe, falou convosco, do meio do fogo; para que não vos corrompais e vos façais alguma escultura, semelhança de imagem . . . e não levantes os teus olhos aos céus e vejas o sol, e a lua, e as estrelas, todo o exército dos céus, e sejas impelido a que te inclines perante eles, e sirvas àqueles que o SENHOR, teu Deus, repartiu a todos os povos debaixo de todos os céus. Mas o SENHOR vos tomou e vos tirou do forno de ferro do Egito, para que lhe sejais por povo hereditário, como neste dia se vê” (Deuteronômio 4:15-20).

Deus queria que os israelitas lembrassem que deviam adorar ao Deus vivo, não um ídolo, e sempre dirigir sua adoração a seu Criador e nunca a objetos de Sua criação. E ordenou-lhes: “Guardai-vos de que vos esqueçais do concerto do SENHOR, vosso Deus, que tem feito convosco, e vos façais alguma escultura, imagem de alguma coisa que o SENHOR, vosso Deus, vos proibiu” (versículo 23). As representações de divindades gravadas

e pintadas em paredes, cerâmica e outros artigos estão inclusos entre os objetos idólatras proibidos (Números 33:52).

Idolatria e imoralidade

Nas religiões idólatras do mundo antigo o culto aos ídolos estava intrinsicamente ligado com a fertilidade dos animais, da terra e das plantas. Para aumentar a fertilidade, esses adoradores participavam de rituais, que incluía orgia sexual entre eles e os sacerdotes e sacerdotisas



desses falsos deuses. A imoralidade se tornou o foco de sua adoração. As meninas eram iniciadas no sexo para servir como prostitutas no templo. Esperava-se que os homens frequentassem os bordéis do templo para adorar suas divindades locais. Deste modo a imoralidade e degeneração eram disfarçadas de religião e consideradas virtuosas.

É por isso que a idolatria e a imoralidade são frequentemente encontradas juntas na Bíblia. Paulo escreveu sobre o problema: “Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra: a prostituição, a impureza, o apetite desordenado, a vil concupiscência e a avareza, que é idolatria” (Colossenses 3:5).

Pedro acrescentou outras práticas à classi-

Mas Deus espera que aqueles que desejam adorá-Lo verdadeiramente demonstrem seu amor por Ele guardando os Seus mandamentos de coração e não cumprindo rituais inúteis diante de algum objeto.

ficação de idolatria. “Porque é bastante que, no tempo passado da vida, fizéssemos a vontade dos gentios, andando em dissoluções, concupiscências, borracheiras, glotonarias, bebedices e abomináveis idolatrias; e acham estranho não correrdes com eles no mesmo desenfreamento de dissolução, blasfemando de vós” (1 Pedro 4:3-4).

O poder por trás dos bastidores

Qualquer forma de idolatria é severamente condenada em toda a Bíblia. Paulo elogiou os cristãos que “dos ídolos se converteram a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro” (1 Tessalonicenses 1:9) e avisou aos outros: “Portanto, meus amados, fugi da idolatria” (1 Coríntios 10:14).

Muito mais importante, segundo explicou o mesmo apóstolo, é entender que é errado usar imagens como auxílio na adoração a Deus. “Mas que digo?

Que o ídolo é alguma coisa? Ou que o sacrificado ao ídolo é alguma coisa? Antes, digo que as coisas que os gentios sacrificam, as sacrificam aos demônios e não a Deus. E não quero que sejais participantes com os demônios” (1 Coríntios 10:19-20).

A mão invisível de Satanás está operando ativamente no uso de figuras e de outras imagens de idolatria. “Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que não lhes resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus” (2 Coríntios 4:3-4).



Satanás condiciona as pessoas para que visualizem, em suas mentes, o Filho de Deus como uma imagem ou objeto inanimado e destituído de vida. O objetivo de Satanás é desviar a nossa atenção do Jesus Cristo descrito nos quatro evangelhos como a *vibrante e perfeita imagem viva do único Deus vivo*. Ao cegar a maior parte da humanidade (Apocalipse 12:9) para que não

Nas religiões idólatras do mundo antigo o culto aos ídolos estava intrinsecamente ligado com a fertilidade dos animais, da terra e das plantas.

entenda a importância dos mandamentos de Deus, Satanás tem alcançado êxito em desviar milhões de pessoas, que professam seguir a Cristo, para que venerem ídolos—adoração claramente contrária às instruções contidas no segundo Mandamento.

Lembre-se porque fomos criados

O segundo Mandamento é uma lembrança constante de que somente nós, os seres humanos, dentre toda a vasta criação, fomos feitos à imagem de Deus. Somente nós podemos ser transformados à imagem espiritual de Cristo, quem, certamente, veio em carne como a perfeita imagem espiritual de nosso Pai celestial. Este mandamento, como o primeiro, protege o nosso relacionamento especial com o nosso Criador, que nos fez à Sua semelhança e ainda está moldando-nos à Sua imagem espiritual.

O Segundo Mandamento nos lembra de que *Deus é muito maior do que qualquer coisa que pode ser vista ou imaginada*. Nunca devemos permitir que esse conhecimento seja desvirtuado pelo uso de imagens ou símbolos em nossa adoração a Deus!

O Terceiro Mandamento Da Blasfêmia ao Louvor

“Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão; porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão” (Êxodo 20:7).

O terceiro mandamento enfoca na demonstração de respeito. Ele aborda a maneira como demonstramos nossos sentimentos de respeito a Deus para os outros e para Ele. E abrange as nossas atitudes, conversas e comportamento.

O respeito é a base fundamental de um bom relacionamento. A qualidade do nosso relacionamento com Deus depende do amor e respeito que devotamos a Ele. Também depende da maneira de expressar respeito a Ele diante das pessoas. É nosso dever honrá-Lo por quem Ele é e pelo que Ele é.

Por outro lado, o uso do nome de Deus de uma forma irreverente, degradante ou de alguma maneira desrespeitosa expressa uma atitude de desdém com o relacionamento que supomos ter com Ele. Isto pode variar, desde um simples descuido até hostilidade e antagonismo. Tudo isto está relacionado com o uso inapropriado do nome de Deus de alguma forma.

A versão Bíblia Viva traduz assim o Terceiro Mandamento: “Nunca *use mal* o meu nome. Não tolerarei qualquer *abuso* neste sentido”. O significado da palavra hebraica *shav*, traduzida como “*use mal*” e “*abuso*” na versão da Bíblia Viva—“*em vão*” em outras traduções—é “engano; fraude; malícia; falsidade; vaidade; vazio” (*O Dicionário Completo Expositivo de Vine das Palavras do Antigo e do Novo Testamento [Vine’s Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words]*, “Engano”). O relacionamento íntimo com Deus exige de nós uma atitude correta, sincera e respeitosa.

O respeito a Deus e ao Seu nome

Consideremos algumas realidades que nos associam com o nome de Deus. Deus nos criou à Sua imagem com o potencial de tornarmos Seus filhos. Aqueles que recebem o Espírito de Deus são membros da Igreja de Deus. As leis de Deus definem as normas e valores, e a nossa esperança consiste em vir a ser parte do Reino de Deus. Tudo o que é importante para nós é uma dádiva de Deus “porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos” (Atos 17:28).

Observe como o livro de Salmos expressa com veemência o respeito a Deus. “Bendize, ó minha alma, ao SENHOR! SENHOR, Deus meu, tu és magnificentíssimo; estás vestido de glória e de majestade” (Salmos 104:1). “Tema toda a terra ao SENHOR; temam-no todos os moradores do mundo” (Salmos 33:8).

O Rei Davi escreveu: “Eu te exaltarei, ó Deus, Rei meu, e bendirei o teu nome pelos séculos dos séculos. Cada dia te bendirei e louvarei o teu nome

pelos séculos dos séculos. Grande é o SENHOR e muito digno de louvor; e a sua grandeza, inescrutável” (Salmos 145:1-3).

Blasfêmia e palavrão

Provavelmente a maneira mais óbvia de se quebrar o terceiro mandamento é através do uso de palavrões—usando o nome de Deus de maneira abusiva, vulgar e grosseira com palavras inapropriadas e gírias. A profanação do nome de Deus—ou de Seu Filho, Jesus Cristo—é quase universal. Desde os primórdios da história, a maior parte da humanidade não conseguiu demonstrar o respeito que Deus merece.

Uma pessoa nunca deve exclamar “Ó meu Deus!” a menos que seja parte de uma oração verdadeira a Deus. Esse tipo de uso abusivo do nome de Deus viola o Terceiro Mandamento. No entanto, a sociedade está repleta disso. Outros exemplos de uso abusivo do nome de Deus são exclamações duma forma trivial como ‘*Deus do céu*’ ou ‘*pelo amor de Deus*’ ou ‘*Jesus*’. O mesmo vale para expressões eufemísticas usadas em filmes norte-americanos e outros de idioma inglês que muitos consideram inocentes, tais como ‘*O my gosh!*’ ou ‘*omg*’ e ‘*Geez*’—que são substituições de palavras de som semelhante a “God” (Deus) ou a “Jesus!”.

A profanação ou blasfêmia não é a única forma de como podemos usar abusivamente o nome de Deus. Qualquer um que use descuidadamente o nome de Deus—ou de Cristo—em sua fala cotidiana simplesmente não conhece a Deus como deveria. Por estranho que pareça, esse tipo de pessoa pensa e insiste em afirmar que O conhece.

De certa forma esse tipo de pessoa se assemelha a Jó, que explicou seu ponto de vista de Deus—tanto antes como depois de Deus lhe mostrar o quanto seu orgulho motivava os seus pensamentos. “Eu te conhecia só de ouvir”, confessou Jó, “mas agora os meus olhos te veem” (Jó 42:5, ARA). Jó finalmente percebeu que não conhecia a Deus tão bem como ele imaginava.

Muitas pessoas que ouviram muito sobre Deus descuidadamente acreditam que O conhecem—que têm uma relação aceitável com Ele. Entretanto, elas nunca aprenderam realmente a respeitá-Lo.

Elas aviltam e degradam insolentemente o Seu nome na conversação diária. Essas pessoas, sem notar, comunicam a quem as ouve que o respeito por Deus simplesmente não é importante para elas, embora creiam que Ele existe. Mesmo quando dizem algo como “Graças a Deus!” podem quebrar o mandamento se Deus não está sendo verdadeira e conscientemente agradecido.

Não importa com quanta indiferença uma pessoa possa tratar deste assunto sobre o desrespeito a Deus, pois o terceiro Mandamento deixa bem claro que o próprio Deus o trata com seriedade—“porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão”. De alguma forma, o mau uso do Seu nome nos mancha espiritualmente aos olhos de Dele.

Algumas vezes, a maioria de nós tem mostrado desrespeito a Deus. Como Jó, nós provavelmente tivemos que—ou ainda teremos que—

reavaliar nossas próprias atitudes para com nosso Criador. Uma vez que Jó reconheceu sua atitude desrespeitosa, ele pôde se ver de forma mais realista. “Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42:6). Do mesmo modo, precisamos de nos arrepender de toda e qualquer atitude que possa conduzir ao desrespeito. Devemos cuidar o nosso modo de falar e tratar o nome de Deus com respeito.

Jesus Cristo nos revela plenamente Deus

Deus quis tanto que nós entendêssemos como Ele é—especialmente Sua natureza ou caráter—e por isso enviou Jesus Cristo como o exemplo perfeito de tudo o que Ele é.

“Quem me vê a mim vê o Pai”, disse Jesus (João 14:9). Ele veio como “o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa” (Hebreus 1:3). Ao se revelar a nós—através de Seu próprio exemplo—como é Seu Pai celestial e o que Ele exige de nós, Jesus nos abriu o caminho para a vida eterna (João 17:1-3).

“Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai” (Filipenses 2:9-11).

Observe como Jesus reflete completamente a glória de Deus: “porque foi do agrado *do Pai* que *toda a plenitude* nele habitasse e que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas *as coisas*, tanto as que *estão* na terra como as que *estão* nos céus” (Colossenses 1:19-20).

A importância do nome de Cristo

O nome de *Jesus*, de forma expressiva, significa “Deus é salvação” ou “Deus salva”.

Cristo significa “[o] ungido”—o mesmo significado que a palavra hebraica *Messias*—e é um título Daquele profetizado para restaurar Israel e governar sobre todas as nações.

Como filho de Deus, *Jesus Cristo* é ambos, nosso *Salvador e Rei*. Somente através Dele podemos receber a salvação. “E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu *nenhum outro nome* há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos” (Atos 4:12).

O nome de Jesus Cristo é crucial para a nossa salvação, mas simplesmente dizer repetidamente o Seu nome sem entender seu significado e sem deixar que influencie a nossa vida é inútil. Paulo explicou a Timóteo: “Todavia, o fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: O Senhor conhece os que são seus, e *qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade*” (2 Timóteo 2:19).

Aqueles que se arrependam de seus pecados e são batizados em nome de Cristo recebem o Espírito Santo e tornam-se cristãos e virão a ser como

Cristo (Atos 2:38). “E”, Paulo diz-lhes: “quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai” (Colossenses 3:17).

Em outras palavras, o que quer que os cristãos façam deve ser feito de acordo com a aprovação, autoridade ou a autorização de Jesus Cristo—*em Seu nome*. Porém, usar o Seu nome de alguma maneira que possa trazer desonra, desrespeito ou vergonha sobre este nome é pecado e viola o Terceiro Mandamento.

Honrar a Deus com nosso exemplo

Porque os seguidores de Jesus Cristo, são conhecidos por Seu nome e servem a Deus em Seu nome, então seu *comportamento* e modo de viver sempre O *honra ou desonra*. A Palavra de Deus chama aqueles que obedecem aos Seus mandamentos de o “sal da terra” e a “luz do mundo” (Mateus 5:13-14, 18). Eles são Seus representantes perante toda a humanidade. Eles levam o Seu nome como “povo Seu especial, zeloso de boas obras” (Tito 2:14). Eles são chamados e escolhidos para honrar o Seu nome pelo exemplo fiel de suas vidas (Apocalipse 17:14).

Moisés explicou este ponto ao povo da antiga Israel: “Vedes aqui vos tenho ensinado estatutos e juízos, como me mandou o SENHOR, meu Deus, para que assim façais no meio da terra a qual ides a herdar. Guardai-os, pois, e fazei-os, porque esta será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos que ouvirão todos estes estatutos e dirão: Só este grande povo é gente sábia e inteligente. Porque, que gente há tão grande, que tenha deuses tão chegados como o SENHOR, nosso Deus, todas as vezes que o chamamos?” (Deuteronômio 4:5-7). Moisés queria que os Israelitas honrassem a Deus com sua conduta e comportamento para que, ao ver isto, *todas as outras nações* respeitassem a Deus.

Exemplos que desonram a Deus

A antiga Israel, no entanto, falhou em honrar a Deus. Por causa do seu pecado *profanaram* o nome de Deus entre as nações. Os Israelitas trouxeram tanta vergonha ao nome de Deus que Ele permitiu aos seus inimigos removê-los de sua terra e levá-los cativos.

Mas Ele prometeu que, a seu tempo, traria de volta os seus descendentes e os restauraria como uma nação com o propósito de que o Seu nome seja, finalmente, honrado por eles. Ele diz: “Tive consideração pelo meu santo nome, o qual a nação de Israel profanou entre as nações para onde tinha ido. Por isso, diga à nação de Israel: Assim diz o Soberano, o SENHOR: Não é por sua causa, ó nação de Israel, que farei essas coisas, mas por causa do meu santo nome, que vocês profanaram entre as nações para onde foram. Mostrarei a santidade do meu santo nome, que foi profanado entre as nações, o nome que vocês profanaram no meio delas. Então as nações saberão que eu sou o SENHOR, palavra do Soberano, o SENHOR, quando eu me mostrar santo por meio de vocês diante dos olhos delas” (Ezequiel 36:21-23, NVI).

Como isso vai acontecer? Deus dará novamente aos descendentes de Jacó (Israel) a responsabilidade de honrar o Seu nome. “E acontecerá, nos últimos dias, que se firmará o monte da Casa do SENHOR no cume dos montes [em Jerusalém], e se exalçará por cima dos outeiros; e concorrerão a ele todas as nações.

“E virão muitos povos e dirão: Vinde, subamos ao monte do SENHOR, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine o que concerne aos seus caminhos, e andemos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém, a palavra do SENHOR. E ele exercerá o seu juízo sobre as nações e repreenderá a muitos povos; e estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças, em foices; não levantará espada nação contra nação, nem aprenderão mais a guerrear” (Isaías 2:2-4).

Naquele tempo os habitantes da terra, ao ver as bênçãos pela obediência, vão entender a realidade do verdadeiro Deus e honrarão o Seu nome.



Provavelmente a maneira mais óbvia de se quebrar o terceiro mandamento é através do uso de palavrões—usando o nome de Deus de maneira abusiva, vulgar e grosseira com palavras inapropriadas e gírias.

Blasfemar contra Deus por nosso comportamento

O apóstolo Paulo explica que as pessoas que, com hipocrisia, chamam pelo nome de Deus e se apresentam como Seu povo—enquanto se recusam a obedecê-Lo—na verdade, *blasfemam* o Seu nome. Falando para alguns de seus compatriotas, ele diz: “Tu, pois, que ensinas a outro, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas? Tu, que dizes que não se deve adulterar, adulteras? Tu, que abominas os ídolos, cometes sacrilégio? Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei? Porque, como está escrito, *o nome de Deus é blasfemado* entre os gentios por causa de vós” (Romanos 2:21-24).

Paulo explica que mesmo alguns que se consideram cristãos podem causar desonra ao nome de Deus por sua conduta: “Todos os servos que estão debaixo do jugo estimem a seus senhores por dignos de toda a honra, *para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados*” (1 Timóteo 6:1).

Nosso comportamento deve ser irrepreensível. Paulo explica que os cristãos são “embaixadores de Cristo” (2 Coríntios 5:20), Seus representantes pessoais. Uma conduta descortês e desrespeitosa por parte daqueles que se apresentam como servos de Deus desonram-no aos olhos dos outros. E ocasionam críticas ao Nome de Deus, o qual pretendem representar.

Jesus condena a hipocrisia religiosa

Apregoar a obediência a Deus e ao mesmo tempo buscar maneiras de burlar essa obediência é uma grande hipocrisia. Jesus Cristo atacou aqueles que praticam a hipocrisia religiosa. “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia. Assim, também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas interiormente estais cheios de hipocrisia e de iniquidade” (Mateus 23:27-28).

Geralmente, as pessoas ficam bastante satisfeitas ao elogiar a Deus—desde que possam manter o seu próprio ponto de vista e modo de viver. Porém, vemos que ao longo da história a maioria dessas pessoas não tem, em seu coração, o objetivo de honrar Deus.

Jesus disse: “*Hipócritas*, bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo honra-me com os seus lábios, mas o seu coração está longe de mim. Mas em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens” (Mateus 15:7-9).

E, noutra ocasião perguntou: “*E por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo?*” (Lucas 6:46).

Como podemos honrar a Deus

Deus deseja muito mais do que adoração da boca para fora; Ele quer um *relacionamento conosco* que *proceda do coração*. Como Jesus disse: “O homem bom, do bom tesouro do seu coração, tira o bem, e o homem mau, do mau tesouro do seu coração, tira o mal, porque da abundância do seu coração fala a boca” (Lucas 6:45).

No fim das contas, não é suficiente apenas evitar o uso inapropriado do nome de Deus. Ele quer nosso amor e respeito. A verdadeira atitude de honrar a Deus começa nos nossos pensamentos. Devemos saber quem é o que é Deus. E também saber o que Ele requer de nós e o porquê. É nosso dever admirar a Sua sabedoria, amor, justiça e equidade. Necessitamos respeitar Seu grande poder e reconhecer que a nossa própria existência depende da Sua bondade.

Então devemos falar com Ele em oração—diariamente. Devemos seguir as admoestações dos Salmos para dar-Lhe graças e louvá-Lo, expressando abertamente a nossa gratidão por tudo que Ele nos dá. Devemos reconhecer a Sua grandeza. Precisamos pedir-Lhe que nos conceda um carácter justo e uma forma de pensar correta como a Dele. E também pedir-Lhe o poder do Seu espírito que nos habilita a obedecer e a servi-Lo de todo o coração.

A melhor forma de honrar Deus é amá-Lo a ponto de desejarmos sobre todas as coisas de ser como Ele é e representá-Lo com precisão perante quantos nos veem e nos conhecem. Se esta for a nossa mentalidade, então, até o pensamento de representá-Lo de modo indigno ou envergonhar o Seu nome nos causa repulsa. Assim, estaremos fortemente decididos a nunca tomar qualquer de Seus nomes em vão!

Os Diversos Nomes de Deus Revelam Muito Sobre Ele

A Bíblia usa uma variedade de nomes para Deus. Ele chama as coisas pelo que elas são, e Ele chama a Si mesmo pelo que Ele é. Alguns de Seus nomes descrevem seus atributos e características. Outros são os Seus títulos de poder, posição e autoridade. A Bíblia chama-O de “o Ancião de Dias” e “o Altíssimo”. Ele é revelado como nosso Criador, nosso Pai, nosso Provedor, nosso Senhor, nosso Rei, Aquele que nos cura, nosso Redentor e nosso Salvador.

Para entender a importância do significado de um nome divino, vamos examinar o nome mais significativo para Deus no Antigo Testamento. Em hebraico é algo próximo a *Yahweh* (a pronúncia exata atualmente é desconhecida), que frequentemente é traduzido como SENHOR (em letras maiúsculas). Este nome distinguia-O dos falsos deuses das outras nações. Este nome apresentou Deus ao povo de Israel como o Deus vivo e verdadeiro.

Yahweh ou *Javé* é derivado de uma palavra de raiz hebraica que significa “ser”. Deus usou esta palavra em Êxodo 3:14, quando Moisés perguntou a Deus o Seu nome. Então, Deus respondeu que Seu nome era “EU SOU O QUE SOU” ou, talvez mais precisamente “SER O QUE SER”—que indica ‘auto-existente’ ou existência eterna.

A Bíblia nos diz que o Senhor é o “Deus Eterno” (Gênesis 21:33). O significado do nome *Yahweh* parece ser semelhante ao formulado na língua grega, “o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, o Primeiro e o derradeiro” (Apocalipse 22:13).

Estas descrições de Deus expressam claramente que o nosso Criador *sempre existiu e sempre existirá*. Ele não só tem a vida eterna em Si mesmo como também tem o poder de conceder a imortalidade como um presente para aqueles que O agradam.

Na tradução dos nomes de Deus de uma língua para outra o *que é importante é preservar o significado do nome—e não sua fonética*. Notem que o Antigo Testamento foi escrito em hebraico e o Novo Testamento em grego. No entanto, alguns nomes de Deus são traduzidos livremente do hebraico para o grego, e isso é um exemplo claro de que traduzir os nomes de Deus de uma língua para outra é perfeitamente aceitável.

Lembre-se simplesmente que Deus quer ser indentificado e reconhecido por quem e pelo que Ele é. Portanto, é o *significado* dos nomes Dele, e não o som ou a ortografia, que é de maior importância ao se traduzir a Bíblia de uma língua para outra. Para saber mais sobre como Deus se revela através de Seus nomes, solicite ou baixe gratuitamente nosso livro *Quem é Deus?*

O Quarto Mandamento

Chave Para um Relacionamento Com Nosso Criador

“Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo que neles há e ao sétimo dia descansou; portanto, abençoou o SENHOR o dia do sábado e o santificou” (Êxodo 20:8-11).

O Sábado, o sétimo dia da semana, foi separado por Deus como um tempo de descanso e renovação espiritual. É uma oportunidade especial para se aproximar de nosso Criador e é um tempo designado para buscarmos melhorar nosso relacionamento com Ele—para aprender a amá-Lo, adorá-Lo e se relacionar melhor com Ele.

Como dias na Bíblia são contados de pôr do sol a pôr do sol (Levítico 23:32), o Sábado começa ao pôr do sol da sexta-feira à tarde e termina ao pôr do sol do sábado à tarde.

Certamente, algumas pessoas apressam-se a perguntar: Por que separar um dia da semana é tão importante a ponto de Deus incluí-lo nos Dez Mandamentos? E por que exatamente o *sétimo dia*? Como a guarda desse dia em particular pode beneficiar nosso relacionamento com Deus e não qualquer outro dia que escolhermos? Afinal, na sexta-feira à noite e durante o dia de Sábado é quando mais temos esportes, todo tipo de diversões, negócios e outras atividades seculares. Por que deveríamos ser diferentes? Esse mandamento não é apenas simbólico e que nunca deve ser interpretado literalmente? E Jesus Cristo mesmo não ignorou esse mandamento e nos libertou de seu peso?

Estas perguntas sobre o quarto Mandamento refletem algumas das crenças e preconceitos acerca da guarda do Sábado assumidas ao longo de séculos. Mas o mandamento de Deus é simples e fácil de entender. Então por que ele é constantemente ignorado, atacado e explicado de forma a esvaziá-lo do seu verdadeiro propósito e significado por tantas pessoas? Não seria porque os argumentos usados para contrariar a observância do quarto Mandamento

têm a sua origem no diabo, o governante invisível deste mundo mau? Afinal, este grande enganador quer que aceitemos o seu ponto de vista porque ele odeia a lei de Deus. Ele faz tudo o que pode para nos influenciar a ignorar, evitar ou arrazoar [*argumentar*] a nossa maneira de viver para não obedecermos a esse Mandamento.

Pouquíssimas pessoas percebem a grande influência de Satanás na sociedade. Visto que ele é o verdadeiro “deus deste século” (2 Coríntios 4:4), ele tem enganado a maioria da humanidade (Apocalipse 12:9). O mundo inteiro está sob sua influência (1 João 5:19). *Seu objetivo sempre foi o de destruir a relação entre o verdadeiro Deus e a humanidade.* A sua única intenção é evitar que o homem desenvolva um relacionamento pessoal com seu Criador

e esse é o propósito do Quarto Mandamento. Ele quer nos impedir de alcançar nosso incrível destino de ser parte da família de Deus!

Jesus e seus apóstolos guardavam o sábado

O que o exemplo pessoal de Cristo nos ensina sobre a observância do Sábado? “E, chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, *segundo o seu costume*, na sinagoga e levantou-se para ler” (Lucas 4:16). Jesus usou os Sábados de Deus de acordo com o propósito desse dia—ajudar as pessoas a desenvolver um relacionamento pessoal com seu Criador.



A substituição oficial do Sábado pelo domingo foi orquestrada por Constantino, um imperador romano.

Após a morte e ressurreição de Cristo, Seus apóstolos seguiram seu exemplo de observância do sábado. “E Paulo, *como tinha por costume*, foi ter com eles e, por três sábados, disputou com eles sobre as Escrituras” (Atos 17:2). “E *todos os sábados* disputava na sinagoga e convencia a judeus e gregos” (Atos 18:4).

Hoje, no entanto, a maioria das pessoas que professam seguir a Cristo não seguem o exemplo dado por Ele e Seus apóstolos. Muitos desconhecem que a rejeição do Sábado como o dia apropriado para o culto cristão não existia até trezentos anos depois do ministério de Cristo na terra.

A substituição oficial do Sábado pelo domingo foi orquestrada por Constantino, um imperador romano, quando constituiu o Cristianismo como a religião oficial do estado, assegurando-se, assim, de uma grande vantagem sobre o seu rival político. Constantino foi esperto ao compreender a van-

tagem política de aceitar e apoiar os cristãos, mas essa aceitação teve um preço—o controle do Estado sobre todos os assuntos religiosos.

Em 321 d.C., Constantino declarou o domingo como o tempo consagrado em honra do deus sol pagão para ser o dia oficial de descanso no Império Romano, tornando-se o dia de escolha para assembleias da igreja. Mas em nenhum lugar da Bíblia Deus Pai ou Jesus Cristo deu permissão para se alterar o Sábado de descanso, o *sétimo dia*, para o domingo, o primeiro dia da semana. Os apóstolos do primeiro século nada mudaram. Na verdade, nenhum ser humano, instituição ou Estado tem o direito de mexer com o que Deus tem separado como santo.

O Sábado e o bom relacionamento com Deus

O Sábado, o dia reservado para nos lembrar constantemente que nosso Criador é o único Deus verdadeiro, é vital para o nosso relacionamento com Ele. Este dia molda *a forma de como O entendemos e O adoramos*. Por isso, Ele nos ordena a lembrar o dia de Sábado, formalmente adorando-O nesse dia.

Caso contrário, perdemos essa compreensão especial sobre Ele como Criador de todo o universo. Depois dos seis dias de reorganização e composição deste lindo planeta com tudo o que nele existe, o nosso Criador encerrou a recriação da parte física sobre a terra, e repousou no sétimo dia (Gênesis 2:1-3). Ao observar o Sábado deixamos de lado nosso trabalho e atividade normal para nos concentrar nesse importante entendimento.

Ele nos ordena a lembrar o dia de Sábado, formalmente adorando-O nesse dia.

O Sábado também é um dia especial para se concentrar em melhorar nossa relação espiritual com Deus. Embora seja um dia de descanso de nossas rotinas normais e um tempo de renovação, não é um dia para ficar à toa, como supõem algumas pessoas. Pelo contrário, o Sábado é o dia no qual nós mudamos radicalmente a perspectiva das nossas atividades. Deus quis que ele fosse um período agradável durante o qual devemos nos ocupar de *nos aproximar Dele*.

Deus disse através do livro de Isaías: “Se desviares o teu pé do sábado, de fazer a tua vontade no meu santo dia, e se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do SENHOR digno de honra, e se o honrares, não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falar as tuas próprias palavras, então, te deleitarás no SENHOR, e te farei cavalgar sobre as alturas da terra e te sustentarei com a herança a [abundância de bênçãos] de Jacó, teu pai; porque a boca do SENHOR o disse” (Isaías 58:13-14).

Na verdade, “deleitar-se no SENHOR” é uma das principais razões que devemos cessar, nas vinte e quatro horas do Sábado, as atividades normais de trabalho consumidas nos outros seis dias da semana, que é nosso tempo.

Qualquer tipo de relacionamento leva tempo. Cada parceria bem sucedida demanda tempo. Nenhuma relação estreita pode ter sucesso sem

tempo—namoro, casamento ou amizade. Nosso relacionamento com Deus não é exceção.

Assim, Deus nos deu *tempo especial* para adorá-Lo como nosso Criador. E isso é o que o Sábado—o sétimo dia da semana—nos proporciona.

A palavra hebraica para Sábado, *shabbath*, significa “cessar, dar uma pausa ou fazer um intervalo”. No sábado, nós abandonamos todas as nossas atividades comuns e dedicamos esse tempo e atenção ao nosso Criador. Por quê? Porque em seis dias Deus reordenou “os céus e a terra, o mar e tudo que neles há e ao sétimo dia descansou; portanto, abençoou o SENHOR o dia do sábado e o santificou” (Êxodo 20:11). De um modo diferente de qualquer outro mandamento *o Sábado nos mantém em permanente contato* com a realidade de que Deus é nosso Criador.

Um mundo sem conhecimento do verdadeiro Deus

Olhe para o mundo que nos rodeia. A teoria da evolução, baseada na ideia de que o mundo e tudo que nele existe surgiu a partir do nada, domina o pensamento dos mais cultos. A maioria dos eruditos zomba da ideia de que a criação exige um Criador inteligente, onipotente e com propósito definido. Até mesmo alguns eruditos que professam o Cristianismo aceitam o ponto de vista evolutivo. A observância do sétimo dia, o Sábado, no entanto, mantém aqueles que fielmente obedecerem aos Dez Mandamentos sempre atentos de que sua fé é fundamentada na existência de um Criador todo-poderoso que não é limitado por processos naturais.

Então, lemos: “Pela fê [crendo o que a Bíblia nos diz], entendemos que os mundos, pela palavra de Deus, foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente” (Hebreus 11:3). E essa fê é nada mais, nada menos do que uma confiança inabalável de que a Bíblia foi inspirada pelo Espírito de Deus e com precisão revela como o mundo, incluindo a humanidade, veio a existir. (Para saber mais peça ou baixe gratuitamente nossos livros *A Bíblia Merece Confiança?* e *A Questão Fundamental da Vida: Deus Existe?*)

Deus revela poucos detalhes sobre *como* Ele criou o universo—apenas diz que Ele *o criou*. Observar o Sábado faz com que este fato de que Ele é o Criador, esteja permanentemente presente em nossa mente durante a semana inteira. Deus não quer que percamos esse entendimento. Ele sabe que todo aquele que negligencia este conhecimento perde a visão de quem e o que Ele é. Por isso, esse conhecimento é fundamental.

E também é por isso que a observância semanal do Sábado é tão importante para o nosso relacionamento com nosso Criador. A guarda do Sábado mantém, constantemente, na nossa memória a lembrança de que o Ser a quem adoramos é *o Criador do Universo*.

Uma criação continuada

O Sábado não é simplesmente uma lembrança de uma criação passada. Deus terminou a parte *física* de sua criação em seis dias. No entanto, a parte

espiritual ainda está em andamento. O sábado é o dia principal para desenvolver o foco de nosso ser interior em Cristo. Como o apóstolo Paulo disse: “Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!” (2 Coríntios 5:17, NVI).

A nova criação espiritual é *interna*—no coração e caráter de cada pessoa. Ela começa quando “vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso sentido, e . . . revistais do novo homem, que, segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade” (Efésios 4:22-24). Este novo homem “. . . se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou” (Colossenses 3:10).

O caráter espiritual não se desenvolverá apenas por nossa própria vontade. O “velho homem” inevitavelmente sucumbirá perante as debilidades e impulsos da natureza humana. Assim, Paulo resume essa luta: “Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e, com efeito, o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem. Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço” (Romanos 7:18-19).

É o próprio Deus quem cria em nós um caráter espiritual justo e santo. Ele reestrutura nosso modo de pensar e nos dá força para resistir às tendências da nossa natureza. Paulo confirma isso, dizendo que “é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele” (Filipenses 2:13, NVI).

O dia da renovação

Você entende como isso é importante? Se estamos em Cristo, então nosso Pai Celestial está criando em nós Seu próprio caráter, *Sua natureza divina* (2 Pedro 1:4). *O tempo semanal que Deus estabeleceu perpetuamente para nos lembrar de que Ele é o Criador é o mesmo período de tempo no qual nos instrui e nos molda como Sua nova criação.*

A Palavra de Deus nos chama de “meninos novamente nascidos” e diz que devemos desejar “o leite racional, não falsificado, para que, por ele, ir crescendo” (1 Pedro 2:2). O Sábado é o tempo que Deus nos reservou para que possamos crescer e aproximar mais dEle através do estudo da Sua Palavra, da oração pessoal e do aprendizado em grupo. Deus santificou-o—separou-o—como um tempo sagrado (Gênesis 2:1-3). Devemos usá-lo para nos alegrar em Deus e diligentemente buscar a Sua ajuda para nos desenvolver e crescer espiritualmente (Isaías 58:14).

O Sábado é o dia em que os discípulos de Cristo devem estreitar o seu relacionamento uns com os outros. Como afirma Hebreus 10:24-25: “E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos à caridade e às boas obras, não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns; antes, admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais quanto vedes que se vai aproximando aquele Dia”.

O Sábado é o único dia em que Deus ordena uma assembleia semanal. “Em seis dias realizem os seus trabalhos, mas o sétimo dia é sábado, dia de

descanso e de reunião sagrada. Não realizem trabalho algum; onde quer que morarem, será sábado dedicado ao SENHOR” (Levítico 23:3, NVI).

A evidência contida no Novo Testamento mostra-nos que os apóstolos de Cristo e seus conversos continuaram a reunir-se no Sábado, o sétimo dia. Eles observavam o dia de Sábado, e em suas reuniões nesse dia enfatizavam especialmente na ‘nova’ pessoa que Deus estava criando neles. A relação com o sétimo dia tornou-se muito importante em suas vidas. O livro de Hebreus confirma que décadas após a morte e ressurreição de Cristo, Seus seguidores continuaram guardando o sábado, afirmando que “ainda *resta* um descanso sabático para o povo de Deus” (Hebreus 4:9, NVI).

O Sábado é o único dia em que Deus ordena uma assembleia semanal. “Em seis dias realizem os seus trabalhos, mas o sétimo dia é Sábado, dia de descanso e de reunião sagrada.”

Assim, Jesus e seus apóstolos perseveraram na obediência ao mandamento de guardar o Sábado como dia santo. Eles guardaram o sétimo dia, o Sábado, assim como seus companheiros judeus da época. E hoje em dia, o mandamento de Deus para nós continua sendo este: “Lembra-te do dia do sábado, para o santificar” (Êxodo 20:8).

Precisamos desesperadamente desse tempo para aumentar e estreitar o nosso relacionamento com o nosso Criador. É *Deus quem diz quanto tempo precisamos separar para o nosso relacionamento especial com Ele e quando o devemos fazer.* Então, cabe a nós decidirmos se confiamos em Seu julgamento e se estamos dispostos a obedecer ao Seu mandamento de santificar o Sábado.

Muitos de nós vivemos em um ritmo frenético, tentando desesperadamente ficar em cima de tudo o que precisa ser feito. Não é à toa que sentimos fora de contato com nossos cônjuges, nossas famílias e até mesmo o nosso Criador. *Mas você sabia que Deus oferece um remédio pouco compreendido para as nossas vidas apressadas e estressadas?*

Para saber mais sobre este assunto, solicite a sua cópia gratuita do nosso guia de estudo ou baixe da internet:

O Sábado, de Pôr-do-sol a Pôr-do-sol, o Dia do Descanso de Deus.



<http://portugues.ucg.org/estudos>

O Quinto Mandamento

A Base do Sucesso

“Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o SENHOR, teu Deus, te dá” (Êxodo 20:12).

O Quinto Mandamento nos apresenta uma série de mandamentos que definem os relacionamentos adequados com as outras pessoas. Seis dos mandamentos—do quinto ao décimo—servem como normas de conduta nas áreas do comportamento humano que geram amplas consequências sobre os indivíduos, as famílias, os grupos e a sociedade.

É espantoso o abuso e a exploração do ser humano para com seu semelhante. A intensidade e a magnitude da violência na sociedade é indesculpável. Precisamos desesperadamente reverter os resultados assustadores de nossa incapacidade de conviver uns com os outros. Precisamos aprender a trabalhar juntos em harmonia em todas as áreas da vida—para construir um relacionamento estável, amoroso e duradouro.

O estabelecimento de princípios básicos pelos quais as relações funcionais podem ser construídas é o objetivo dos últimos seis mandamentos. Eles definem, com muita clareza, as áreas do comportamento no qual a natureza humana cria grandes obstáculos à paz e à cooperação. Eles nos dão a orientação que precisamos para remover esses obstáculos.

Este Quinto Mandamento dá o tom para os seis últimos. Ele aborda a importância de aprendermos a nos tratar mutuamente com respeito e honradez.

Aprender a respeitar os outros

Aprender a ter responsabilidade com nosso próprio comportamento e caráter é um início para as boas relações. Nosso caráter, que dirige o nosso procedimento, começa a se formar durante a nossa infância. E ele é preparado e moldado durante os nossos anos de formação quando nossas atitudes guiam nossos desejos pessoais em relação aos desejos e necessidades dos outros. Esse é o foco principal do Quinto Mandamento—a importância de aprender a *respeitar os outros*, enquanto ainda somos crianças.

O Quinto Mandamento nos mostra *de quem e como* os fundamentos de respeito e honra efetivamente se originam. Ele nos orienta sobre a boa convivência com os outros, a maneira correta de submeter-se à autoridade e como aceitar a influência de conselheiros. É por isso que o apóstolo Paulo escreveu: “Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa, para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a terra” (Efésios 6:2-3).

Aprender a obedecer este mandamento ajuda as crianças a estabelecer um padrão de vida de respeito às regras, tradições, princípios e leis. O respeito aos outros deve ser um hábito normal e natural aprendido durante a juventude.

A aplicação universal desse importante princípio bíblico é simples. Lemos: “Tratem a todos com o devido respeito, amem os irmãos, temam a Deus e honrem o rei” (1 Pedro 2:17, NVI). E tudo começa com o respeito e a honra que demonstramos a nossos pais.

O papel dos pais

Deus coloca a responsabilidade principal de ensinar as crianças os princípios básicos da vida diretamente sobre os ombros dos pais. A capacidade de mães e pais para obter sucesso nessa responsabilidade depende significativamente do quanto eles, por sua vez, se submetem à instrução de Deus ensinando e demonstrando amor e respeito a Ele. Lembre-se, quatro mandamentos que enfatizam a importância de uma relação pessoal com



Aprender a obedecer o Quinto Mandamento ajuda as crianças a estabelecer um padrão de vida de respeito às regras, tradições, princípios e leis. O respeito aos outros deve ser um hábito normal e natural aprendido durante a juventude.

Deus precedem o mandamento de honrar a nossos pais. Afinal, Deus é nosso Pai supremo.

Vejamos como Deus desafiou os líderes espirituais da antiga Israel: “O filho honrará o pai, e o servo, ao seu senhor; e, se eu sou Pai, onde está a minha honra? E, se eu sou Senhor, onde está o meu temor?” (Malaquias 1:6). Como nosso Criador, Deus é o Pai de todos nós.

Nesse sentido, devemos reconhecer que o Quinto Mandamento forma uma espécie de “ponte” entre os quatro primeiros mandamentos (sobre o nosso relacionamento com Deus) e os últimos seis (sobre o nosso relacionamento com outros seres humanos).

Nós, pais, devemos pensar primeiro em nós mesmos como crianças—*filhos de Deus*. É muitíssimo importante que respeitemos e obedeçamos ao Pai Celestial como também é para os nossos filhos nos respeitar e obedecer. Somente assim é possível compreendermos plenamente o nosso papel de líderes espirituais de nossos filhos.

Quando honramos e obedecemos a Deus damos um bom exemplo para nossos filhos. Então, eles podem se habituar ao respeito e a obediência ao observar o nosso exemplo e colocá-lo em prática o que aprenderam. As crianças conseguem absorver melhor crenças e comportamentos se virem uma continuidade marcante entre o exemplo e a instrução de seus pais e professores.

O elo perdido na educação infantil

A instrução de Deus aos pais deixa isso bem claro: “Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder. E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as intimarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te” (Deuteronômio 6:5-7). A implicação é clara: Somente quando temos princípios corretos em nossos corações é que *nós* conseguiremos, como pais, passá-los a nossos filhos.

Em toda a Bíblia, especialmente no livro de Provérbios, encontramos muitas instruções e princípios sobre como devemos tratar e respeitar uns aos outros. Devemos discutir regularmente esse tema em nossa família e aplicar esses princípios nas situações da vida cotidiana de nossas crianças. Esse tipo de discussão deve ser interativo—permitir que os filhos nos façam perguntas livremente e, como pais, devemos ajudá-los a resolver os problemas usando os princípios bíblicos, sendo o mais preciso e direto possível (Deuteronômio 6:20-21).

É tratando nossos filhos com dignidade e respeito, nesse processo interativo, que eles aprendem como devem tratar os outros e por que suas atitudes e comportamento devem refletir o amor e preocupação pelos demais. Os pais que acompanham seus filhos na busca da Palavra de Deus a fim de verificar o fundamento dos valores da família estão ensinando-lhes como confiar no *julgamento de Deus* em vez de confiar em suas próprias emoções, caprichos e desejos.

Os filhos, especialmente os adolescentes, buscam seu lugar na sociedade. Eles precisam de orientação e instrução, bem como amor e confiança. Os pais não devem ridicularizá-los. Paulo adverte aos pais, especialmente aos papais: “Não provoqueis [irritem (NIV)] a ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do SENHOR” (Efésios 6:4). Os pais precisam cuidadosa e firmemente insistir que os filhos obedeçam as regras de cortesia e respeito com muita paciência e bondade. Esta combinação amorosa é o elo que falta na criação dos filhos.

Ajudar aos filhos a formar sua identidade

Os filhos precisam constantemente de encorajamento e reconhecimento dos seus sucessos e realizações. Acima de tudo, precisam de muito amor e elogios para ajudá-los a desenvolver uma forte identidade pessoal que venha a refletir uma visão positiva e esperançosa em relação à vida.

Tenha em mente que as crianças não reagem do mesmo jeito a certos tipos de elogios. Algumas podem desenvolver melhor uma perspectiva positiva quando os elogios são dirigidos a *elas*—a suas habilidades e competências—em vez de conquistas individuais. O elogio direcionado com ênfase somente nas conquistas, como notas na escola, pode gerar uma sensação doentia de insegurança. E outras podem passar a crer que somente serão aceitas se seu desempenho for excepcional—que são amados apenas quando seus esforços são perfeitos. Este tipo de elogio pode ter o efeito contrário ao pretendido.

Como pais, devemos nos alegrar juntos com nossos filhos pelas suas conquistas. Devemos compartilhar seus sucessos. Mas devemos ter cuidado ao elogiá-los, principalmente como indivíduos. Devemos dizer-lhes quando estamos satisfeitos com eles. Isto reforça a sua confiança de que é possível agradar a Deus e a nós. Eles se sentirão aceitos e queridos. Devemos demonstrar-lhes esperança em seu futuro e segurança em sua própria identidade. Então eles serão muito mais propensos a confiar em nós, seus pais, e nos devolver o elogio e o respeito, cumprindo assim o quinto mandamento. E isso é um começo para eles terem uma relação adequada e positiva com o resto da humanidade e, finalmente, com Deus.

Sempre respeitar nossos pais

O dever de honrar nossos pais não cessa quando nos tornamos adultos. É um compromisso de vida. Ainda devemos respeitar a sua sabedoria, buscar seus conselhos e permitir que se envolvam continuamente em nossas vidas—passar tempo com eles e fazer o melhor possível para manter-se em contato com eles. À medida que envelhecem, nosso respeito a eles deve incluir cuidados físicos e, se necessário, ajudá-los e apoiá-los financeiramente.

Jesus criticou as pessoas que, em sua época, negligenciavam e se negavam a cuidar apropriadamente de seus pais idosos. “Vocês estão sempre encontrando uma boa maneira de pôr de lado os mandamentos de Deus, a fim de obedecerem às suas tradições! Pois Moisés disse: ‘Honra teu pai e tua mãe’ e ‘Quem amaldiçoar seu pai ou sua mãe terá que ser executado’. Mas vocês afirmam que se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: ‘Qualquer ajuda que vocês poderiam receber de mim é Corbã’, isto é, uma oferta dedicada a Deus, vocês o desobrigam de qualquer dever para com seu pai ou sua mãe. Assim vocês anulam a palavra de Deus, por meio da tradição que vocês mesmos transmitiram” (Marcos 7:9-13, NVI).

Respeitar aos avós

Nós e nossos filhos nunca podemos deixar de prestar o devido respeito a nossos avós. Eles têm contribuído significativamente para nossas vidas e a maioria dos avós apreciam muito os seus netos.

Devemos buscar oportunidades de passar um tempo ouvindo e fazendo perguntas a nossos avós. As conversas com eles são como tesouros porque eles nos ajudam a compreender e apreciar melhor as nossas origens. A maioria dos avós amam seus netos e querem que eles lhe demonstrem interesse. Os jovens que respeitam e amam os seus avós ampliam sua compreensão das pessoas e da vida.

Colher os benefícios

Quando Moisés repetiu os Dez Mandamentos para o povo de Israel, ele comentou sobre outra bênção, além de vida longa, advinda ao guardar o Quinto Mandamento: “Honra a teu pai e a tua mãe, como o SENHOR, teu Deus, te ordenou, para que se prolonguem os teus dias e *para que te vá bem*

na terra que te dá o SENHOR, teu Deus” (Deuteronômio 5:16).

Nós, filhos, colhemos muitas bênçãos quando honramos nossos pais. Este é o mandamento com uma promessa maravilhosa de que a vida vai ser melhor para nós se simplesmente o obedecemos.

A família é o alicerce da sociedade. Famílias fortes constroem sociedades e nações fortes. Quando as famílias são desintegradas e desfeitas surgem resultados trágicos e tristes refletidos nas manchetes dos jornais diários. Qualquer indivíduo ou grupo—inclusive nações inteiras—que compreende a importância duma família forte colhe a recompensa dum excelente relacionamento com Deus e de Suas bênçãos!

Como Devemos Tratar os Pais que são Difíceis de Respeitar?

Infelizmente, nem todos os pais ou avós são pessoas honradas. Respeitar adequadamente aqueles cujo comportamento é pouco honroso não é fácil. Por exemplo, as vítimas de contínuo abuso verbal, físico ou sexual em geral têm dificuldade para respeitar o pai, que é culpado disso. Deus não exige, no quinto mandamento, que os filhos desse tipo de pai continuem a submeter-se a eles ou a seus maus-tratos.

Ainda assim, devemos respeitar os nossos antepassados. Como podemos honrar os pais ou avós cujo comportamento não é digno de respeito? Como podemos colocar em prática esse mandamento em relação a eles?

Primeiro temos que lidar com nossas próprias atitudes. Jesus nos disse para amar e orar até mesmo para os nossos inimigos (Mateus 5:44-45). Isto também aplica-se aos pais que nos maltrataram ou cujo exemplo não podemos respeitar. Não devemos sentir ódio ou raiva deles. Mas devemos veementemente desaprovar seu modo de vida. Podemos desprezar seu comportamento pecaminoso. Mas não devemos desprezá-los como pessoas. É nesse ponto que Deus estabelece limites para nós e então somos abençoados quando aceitamos esses limites.

Ademais, quando tivermos oportunidade de conversar com ou sobre os nossos pais ou avós, devemos nos abster de comentários depreciativos e devemos tratá-los com educação e respeito. *Devemos orar para que Deus os ajude a entender como estão errados seus caminhos para que possam se reconciliar com Ele e por meio dEle eventualmente conosco.*

Finalmente, devemos viver de uma maneira que possamos respeitá-los através do *exemplo* que damos como seus filhos e filhas. Nosso comportamento apropriado pode dar-lhes a honra que eles nunca ganharam pessoalmente.

O Sexto Mandamento

A Vida é Um Dom Precioso

“Não matarás” (Êxodo 20:13).

O que torna a vida humana tão preciosa? Considere o ponto de vista de Deus. Ele nos fez à Sua imagem com a finalidade de criar em nós o Seu próprio caráter. Por essa razão Ele “não quer que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se” (2 Pedro 3:9; compare a 1 Timóteo 2:4). Como Jesus Cristo explicou, “Deus enviou o seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele” (João 3:17).

Em nosso mundo, no entanto, a vida humana é frequentemente tratada com indiferença. Nós resolvemos nossas diferenças com a guerra, matando centenas de milhares de outras pessoas. Os criminosos roubam os bens e até a vida de suas vítimas. Ademais, muitas pessoas veem uma gravidez indesejada como simplesmente uma inconveniência ou uma consequência inesperada de sua atividade sexual—a ponto de milhões de bebês serem abortados todos os anos.

Que triste contraste para o nosso Criador, que nos promete o maior de todos os presentes—a oportunidade de *compartilhar a vida eterna com Ele*.

O homicídio do dia é geralmente a primeira notícia apresentada nos jornais televisionados, especialmente nas grandes cidades. Muitos desses assassinatos são cometidos por familiares, antigos colegas ou amigos das vítimas.

Os assassinatos sem sentido de gangues e a violência nas ruas trazem um clima de medo em muitas cidades. Os homicídios ligados a outros crimes e drogas são muito comuns. Um incontável número de pessoas em todo o mundo é vítima de assassinato em massa em nome da política e da ideologia—seja através do terrorismo ou das guerras. O homicídio atinge a vida de quase todo mundo na terra.

Nas sociedades supostamente avançadas, a televisão e os filmes bombardeiam o telespectador com imagens de assassinatos e carnificina. A violência está tão inextricavelmente entremeada no tecido da sociedade que nós a exaltamos como arte na nossa literatura e entretenimento.

É irônico que, apesar de nossa fascinação pelo assassinato, sigamos o exemplo da maioria das sociedades ao longo da história na aprovação de leis severas contra isso. Praticamente todas as pessoas condenam e rechaçam o homicídio no lugar onde vivem.

No entanto, outras situações sobre o valor e santidade da vida humana tendem a gerar controvérsia, como no caso de execução de criminosos pelo Estado. A pena capital é a mesma coisa que assassinato?

E o que Deus diz sobre a guerra? Por que Deus permitiu que a antiga Israel tirasse a vida humana em batalhas com outras nações?

Isso era uma violação do Sexto Mandamento?

A verdadeira questão

No centro destas questões é esta uma controvérsia: Quem possui a autoridade para tirar a vida humana? Quem tem o direito de tomar essa decisão?

A ênfase do Sexto Mandamento está na flexão do verbo *matar* para a segunda pessoa do singular e corresponde ao pronome pessoal da palavra *você* [tu]. Você não matará! [Tu não matarás!] Você não pode matar intencionalmente—na raiva do momento ou premeditadamente.

Devemos controlar o nosso temperamento. Nós não temos direito de decidir tirar a vida de outra pessoa. Esse julgamento está reservado para Deus. Essa é a essência deste mandamento. Deus não nos permite, voluntariamente e deliberadamente, decidir tirar a vida de outra pessoa. O Sexto Mandamento nos lembra de que Deus é o doador da vida e só Ele tem a autoridade de tirar ou não a vida de alguém ou permitir que outros o façam.

O Sexto Mandamento não se aplica especificamente ao homicídio involuntário—as mortes causadas por acidente, por descuido ou por outras ações não intencionais. Essas mortes, apesar de atos graves, não são consideradas—pelas leis de Deus e do homem—da mesma categoria do assassinato premeditado.

Justiça versus misericórdia

Deus prefere que sejamos misericordiosos. Ele é especialmente propício a qualquer um que se arrependa. “Dize-lhes: Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso *se converta do seu caminho e viva*” (Ezequiel 33:11, ARA). É assim que Deus pensa. Essa é a maneira que Ele quer que pensemos.

Um dia teremos de prestar contas diante de Deus. E Tiago nos adverte: “Assim fálai e assim procedei, como devendo ser julgados pela lei da liberdade” (Tiago 2:12). Certamente, Deus aplicará a justiça a todos os que se recusam a se arrepender.

No entanto, a misericórdia de Deus—Seu perdão—permanece disponível para os pecadores, inclusive os homicidas. Deus quer estender o perdão a todos nós. Mas Ele também quer que nos *arrependamos*—de todo coração deixemos de violar os Seus mandamentos e nos voltemos para Ele em contrição e humildade. Assim, podemos pedir-Lhe perdão e nos submeter à ordenança do batismo. O batismo serve como um ato de confirmação de que consideramos morto o antigo eu—morto e sepultado em um túmulo de água com Cristo (Atos 2:38; Romanos 6:4).

A chamada e conversão do apóstolo Paulo é um exemplo maravilhoso da misericórdia e do perdão de Deus. Paulo tinha se comprometido pessoalmente a executar cristãos antes de sua conversão (Atos 26:10). No entanto, Deus o perdoou e fez dele um exemplo, desse momento em diante, de Sua grande misericórdia.

E sobre si mesmo Paulo nos diz: “A mim, que, dantes, fui blasfemo, e perseguidor, e opressor; mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade. E a graça de nosso Senhor superabundou com a fê e o amor que há em Jesus Cristo. Esta é uma palavra fiel e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal. Mas, por isso, alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer nele para a vida eterna” (1 Timóteo 1:13-16).

Cristo ampliou o significado de “assassinato” ao incluir a animosidade cruel, o descaso ou a hostilidade odiosa para com os outros.

E o que dizer sobre a pena de morte?

Sem dúvida, por causa de certos crimes, a lei de Deus permite que as autoridades constituídas imponham a pena capital. Quando o Estado cumpre com os princípios de Deus, esse ato não viola o Sexto Mandamento.

Ao entregar-nos as Suas leis, Deus revelou Seu julgamento sobre o assunto. Ele revelou, de antemão, quais crimes merecem a pena de morte, e estabeleceu parâmetros rígidos para tais decisões. Por exemplo, a culpa de um criminoso deve ser inegavelmente confirmada com provas sólidas e/ou testemunhas, antes que ele seja condenado.

O apóstolo Paulo reafirma a autoridade do Estado para aplicar a pena capital: “Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer a autoridade? Faze o bem e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz de balde a espada; porque é ministro de Deus e vingador para castigar o que faz o mal” (Romanos 13:3-4).

A responsabilidade cristã

Ao invés de abolir a lei de Deus Jesus Cristo mostrou a sua intenção espiritual e aplicação. Ele ampliou os requisitos da lei, tornando-os significativamente mais exigentes.

O mandamento contra o homicídio é um exemplo. Jesus disse: “Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo” (Mateus 5:21-22, ARA).

Cristo ampliou o significado de “assassinato” ao incluir a animosidade cruel, o descaso ou a hostilidade odiosa para com os outros. Apenas o ato de abrigar atitudes maliciosas em relação aos outros já viola a intenção do Sexto Mandamento. Por quê? Porque isso configura abuso mental e emocional ao próximo e o desejo de ver um ser humano sofrer.

Usando palavras e expressões para deliberada ou maliciosamente denegrir o nome dos outros é errado do mesmo modo. Com a língua ou caneta podemos atacar verbalmente alguém. Podemos infamar sua imagem ou destruir sua reputação.

Podemos ser consumidos por intenções destrutivas. Nossos motivos podem ser diametralmente opostos ao amor. O espírito de assassinato pode estar vivendo em nossos corações. Jesus nos disse que as consequências para esses pensamentos e atos serão a nossa própria morte no lago de fogo, se não nos arrependermos.

Também temos a orientação de não retaliar aos que nos ofendem ou que nos atacam verbalmente. Paulo disse: “A ninguém torneis mal por mal . . . Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens. Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira, porque está escrito: Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o SENHOR” (Romanos 12:17-19). Sempre se espera que um cristão tenha um padrão moral mais elevado do que o mundo ao seu redor.

Vencer o mal com o bem

Paulo nos instrui sobre como tratar adequadamente os pensamentos de retaliação: “Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem” (Romanos 12:21). Esta deve ser a atitude de cada crente em Jesus Cristo. É o caminho do amor que cumpre a intenção da lei de Deus.

“Bem-aventurados os pacificadores”, disse Jesus, “porque eles serão chamados filhos de Deus” (Mateus 5:9). Como podemos colocar em prática este princípio? “Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: *Amai* a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei *bem* aos que vos odeiam, e *orai* pelos que vos maltratam e vos perseguem, para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus” (versículo 43-45).

Deus quer que a gente vá muito além de evitar o homicídio. Ele exige que não façamos mal a outro ser humano com palavras ou atitudes. Ele deseja que tratemos respeitosa até mesmo aqueles que decidiram nos odiar e que façamos tudo ao nosso alcance para viver em paz e harmonia com eles. Ele quer que sejamos *edificadores* de bons relacionamentos, e não destruidores. Para conseguir isso, devemos respeitar este dom maravilhoso, esta preciosa possessão—a vida humana.

Para saber mais, solicite a sua cópia gratuita do nosso guia de estudo ou baixe da internet:

**Casamento e Família:
A Dimensão Perdida**

<http://portugues.ucg.org/estudos>



O Sétimo Mandamento

Proteger a Relação Conjugal

“*Não adulterarás*” (Êxodo 20:14).

Homens e mulheres foram destinados para ficarem juntos, precisamos uns dos outros. O casamento, uma união natural de um homem e uma mulher, foi ordenado e estabelecido por Deus na criação. Suas leis—em particular o Sétimo Mandamento—autorizam o casamento e o estabelece como fundamento da família, que por sua vez, continua sendo a mais importante base e alicerce da sociedade.

Deus disse aos nossos primeiros pais que “deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gênesis 2:24, ARA). Claramente, a instrução de Deus estabelece que todas as futuras gerações deveriam aprender a respeitar o casamento e o sexo.

E a medida que os filhos crescem e cheguem a idade de assumir as responsabilidades de uma família e encontrem alguém do sexo oposto para amar e honrar, é natural e apropriado que se casem—se unam—e formem a sua própria família, à parte de seus pais. Somente assim podem se tornar “uma só carne” fisicamente, unindo-se em um relacionamento sexual. Jesus deixa claro que Deus, desde o início, teve a intenção de que o casamento fosse uma relação monogâmica e permanente (Mateus 19:3-6).

Bênçãos com riscos

Deus quis que o casamento e o sexo—nessa exata ordem—existissem como grandes bênçãos para a humanidade. Seu potencial para o bem é ilimitado. Mas até mesmo esse desejo que junta um homem e uma mulher em um relacionamento natural—uma bênção divina—pode representar riscos.

A não ser que os desejos de atração natural pelo sexo oposto sejam canalizados exclusivamente para uma relação de casamento amoroso, a tentação de se envolver em imoralidade sexual pode facilmente dominar o nosso auto-controle. Esta fraqueza é o foco do Sétimo Mandamento: “*Não adulterarás*” (Êxodo 20:14).

O adultério é a violação da aliança do casamento com a participação voluntária em atividade sexual com alguém que não seja o cônjuge. Visto que a lei de Deus somente autoriza as relações sexuais dentro de um casamento legítimo, o mandamento de não cometer adultério cobre, a princípio, todas as variedades de imoralidade sexual. Nenhuma

relação sexual de qualquer tipo deve ocorrer fora do casamento. Essa é a mensagem deste mandamento.

Em grande parte do mundo a imoralidade sexual não é mais considerada um expressivo mal social. Porém, Deus condena categoricamente *todas* as formas de imoralidade sexual (Apocalipse 21:8), inclusive o sexo antes do casamento e as relações homossexuais.

Nossa necessidade de orientação sexual

Deus nos deu o Sétimo Mandamento para que nos guie e defina os papéis sexuais que trazem a felicidade duradoura e estável. Nada é tão urgente e desesperadoramente necessário hoje em dia.

Deus criou o sexo. Ele teve essa ideia. E, contrariando algumas antigas opiniões, Ele quer que desfrutemos abundantemente de uma relação sexual prazerosa e estável dentro do casamento. Nesse contexto, nossa sexualidade nos permite transmitir nosso apreço, carinho, dedicação e amor ao nosso companheiro. Ademais, pode beneficiar imensamente nossa sensação de bem-estar e contentamento.

A alegria e a confiança que derivam de um bom relacionamento marital pode afetar positivamente nossa interação com os outros, especialmente com nossos próprios filhos. Deus quer que a relação conjugal seja fortalecida e protegida.

Ele nos diz em Sua Palavra: “Aproveite a vida com a mulher que você ama. Pois isso é tudo o que você vai receber pelos seus trabalhos nesta vida dura que Deus lhe deu” (Eclesiastes 9:9, BLH).

E quanto ao adultério Deus adverte: “Filho, por que dar o seu amor a uma mulher imoral? Por que preferir os encantos da mulher de outro homem? Deus sabe por onde você anda e vê tudo o que você faz. As injustiças que um homem mau comete são uma armadilha; ele é apanhado na rede do seu próprio pecado” (Provérbios 5:20-22, BLH).

Novamente sobre o adultério somos avisados: “Será que você pode carregar fogo no colo sem queimar a roupa? Será que você pode andar em cima de brasas sem queimar os pés? O homem que dorme com a mulher de outro corre esse mesmo perigo. Quem fizer isso terá de sofrer muito” (Provérbios 6:27-29, BLH). “[O adúltero] achará castigo e vilipêndio [infâmia], e o seu opróbrio [desprezo] nunca se apagará” (versículo 33).

Isso são apenas avisos obscuros com uma retórica desatualizada? Não pense assim! Em vez disso, veja o caos que impera em todo o mundo por causa das relações extraconjugais e do sexo antes do casamento.

As Consequências do pecado sexual

Os danos sociais e pessoais trazidos pela imoralidade sexual são tão profundos que desafiam a nossa capacidade de quantificar os seus efeitos no sofrimento humano. A maioria das pessoas simplesmente se recusam a refletir em suas consequências graves e imprevisíveis.

Duas visões predominantes se destacam. Algumas pessoas reclamam o seu direito de fazer o que quiserem: “Ninguém vai me dizer o que eu posso fazer da minha vida pessoal!” Outros defendem praticamente qualquer tipo de comportamento: “Não importa o que eu faço desde que ninguém se machuque”. Esses argumentos são usados para justificar todo tipo de comportamento sexual, até a promiscuidade.

Ambos pontos de vista ignoram uma realidade fundamental: As pessoas *sempre* acabam por se machucar—*gravemente* machucadas e magoadas. Qualquer forma de imoralidade é, no final das contas, destrutiva. Como diz o provérbio, “o que adultera com uma mulher é falto de entendimento; *destrói a sua alma o que tal faz*” (Provérbios 6:32). A primeira vítima, que o adultério causa dano, *é a nossa mente e caráter*.

Igualmente prejudicial é a humilhação pessoal que advém da imoralidade sexual. Ela pode até ser negada, mas não pode ser evitada. Paulo disse aos cristãos da, licenciosamente infame, cidade de Corinto: “*Fugam do pecado sexual*. Nenhum outro pecado atinge o corpo como este. Quando vocês cometem este *pecado*, *é contra o seu próprio corpo*” (1 Coríntios 6:18, NVI). Essas advertências aplicam-se igualmente a homens e mulheres, porque “Deus não faz acepção de pessoas” (Atos 10:34).

Considere os efeitos desastrosos da revolução sexual. A explosão de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) é uma vergonha mundial. As DSTs são responsáveis pelas doenças infecciosas mais comuns registradas no mundo. A AIDS (ou Síndrome da Imunodeficiência Adquirida—SIDA) tem causado assustadoramente mortes e sofrimentos igualando-se as epidemias mais mortais da história. Os tratamentos e as pesquisas médicas em busca da cura são caros. Ironicamente, tudo isso poderia *ser evitado* porque essas doenças se espalham quase que exclusivamente através da promiscuidade e da perversão sexual.

O declínio do compromisso com o casamento e a família, e consequentemente a diminuição da lealdade e dedicação conjugal, contribuíram para um forte e constante aumento das relações extraconjugais. Um segmento da nossa sociedade, que vem crescendo, adotou a prática de relacionamentos entre companheiros. Vivemos numa sociedade dos descartáveis. As relações pessoais íntimas são rotineiramente descartadas.

As crianças são as grandes perdedoras em nossa sociedade acelerada, com sua aclamada revolução sexual. Elas recebem cada vez menos orientação dos pais. Nos Estados Unidos, os pais gastam só uns poucos minutos por dia para ficar com seus filhos. É de se admirar quando vemos uma subcultura em rápida expansão de jovens alienados e descontentes? A sociedade está perdendo a noção de tudo o que é a família.

O custo dos lares desfeitos

Os lares desfeitos são outro custo espantoso da revolução sexual. E que, por sua vez, geram outras tragédias sociais. A maioria dos desfavoreci-

dos economicamente vivem em lares monoparentais. Os lares chefiados por pais solteiros são um fator preponderante na subsequente incidência da atividade criminosa. Os lares destruídos são a principal consequência da imoralidade sexual e de casamentos fracassados resultante da infidelidade sexual.

Além disso, é preciso acrescentar os elevados honorários advocatícios e diminuição da produtividade e da renda, para não mencionar a perda de moradias e bens pessoais. Estes fatores reduzem muitas pessoas à pobreza—principalmente as mães solteiras com crianças pequenas. O problema é agravado quando algumas dessas crianças não desenvolvem uma profissão e nem habilidades sociais, e assim ficam dependentes de assistência social mesmo depois de adultos.

O divórcio traz ainda mais problemas pessoais. A batalha por custódia continua por anos. Os filhos tornam-se peões de um jogo de guerra entre os pais por seu amor e lealdade. O rendimento escolar das crianças cai e alguns abandonam a escola. E os adolescentes, por sua vez, tornam-se pais cada vez mais jovens.

O companheirismo é uma das maiores bênçãos que podemos ganhar com um casamento estável e amoroso. Deus reconheceu isso quando nos criou.

O custo psicológico

Muito antes de um divórcio, os danos emocionais e psicológicos frequentemente atingem o companheiro ou companheira e os filhos do cônjuge infiel. Muitos ficam permanentemente marcados pela vergonha, desilusão e até perdem sua autoestima. Nessas situações, o lar não pode mais oferecer calor, conforto e segurança que proporcionam confiança e esperança. A falta de esperança contribui para os suicídios, que, depois dos acidentes, têm sido a principal causa de morte entre os adolescentes e jovens adultos. Tais tragédias podem ocorrer anos após a semeadura da desesperança.

O custo psicológico da rejeição, traição e abandono é impressionante. O espírito de milhões de pessoas está submerso na depressão, na raiva e na amargura porque a sua confiança em alguém que amavam—cônjuge ou pai—foi traída. Muitas dessas pessoas estão emocionalmente corrompidas para a vida. Algumas delas procuram aconselhamento, enquanto outras procuram vingança.

Os problemas nunca vão embora. Quem disse que ninguém se machuca? O adultério e a promiscuidade são bilhetes para o desastre social. O custo real da imoralidade sexual é astronômico.

O adultério começa na mente

A Bíblia classifica a obsessão da humanidade com a auto-satisfação pelo que é—*luxúria* [concupiscência]. “Porque tudo o que há no mundo, a concu-

piscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo” (1 João 2:16-17).

A luxúria é o começo do adultério e da imoralidade. “Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério”, disse Jesus Cristo. “Eu porém, vos digo que qualquer que atentar numa mulher para *a cobiçar já em seu coração cometeu adultério* com ela” (Mateus 5:27-28).

Totalmente ao contrário da opinião da maioria das pessoas, as fantasias sexuais são tudo menos inofensivas. Nossas ações se originam em nossos pensamentos e nos desejos que permeiam nossa mente (Tiago 1:14-15). Os devaneios de encontros sexuais ilícitos nos torna muito vulneráveis à coisa real. Não se engane. As oportunidades para o pecado surgirão. Precisamos prestar atenção na advertência de Jesus de que o adultério começa no coração.

Nem toda atração é luxúria

Também é importante não interpretarmos o que Jesus disse sobre a luxúria em um contexto no qual nunca foi Sua intenção. Caso contrário, nossa visão de atração legítima, que naturalmente precede o namoro e o casamento, pode tornar-se totalmente distorcida.

Em toda a Bíblia, Deus aprova a atração sexual legítima que promove namoro adequado e o casamento. Afinal, esses desejos são parte da disposição mental e emocional que Ele criou nos homens e mulheres. Jesus condenou apenas os pensamentos e comportamento *pecaminosos*, e não o legítimo desejo de casar e construir um bom relacionamento com alguém do sexo oposto. E nem proibiu o reconhecimento de alguém do sexo oposto como atraente. Ele, no entanto, condena a luxúria ilícita—desfrute mental de uma relação imoral.

Nós podemos controlar os desejos sensuais, substituindo-os por um interesse *altruísta* pelos outros. Claro, esse tipo de amor é um dom de Deus, possível quando o Espírito de Deus trabalha em nós (Romanos 5:5, Gálatas 5:22).

Como lidar com os pecados sexuais

Graças à prevalência da promiscuidade poucas pessoas começam a servir a Deus com um passado limpo, sexualmente falando. Para termos um bom relacionamento com Deus, é importante entender corretamente como Deus vê o nosso passado. Devemos entender que Deus é misericordioso. Ele não tem prazer em nos punir pelos pecados. Ele prefere mais nos ajudar a transformar nossas vidas. Ele está ansioso para compartilhar a vida eterna conosco em seu Reino (Lucas 12:32). Ele se alegra quando nos arrependemos e O obedecemos e quando começamos a viver por Sua lei real de amor (Ezequiel 33:11; Tiago 2:8).

Quando uma mulher foi apanhada em adultério e trazida diante de Jesus, Ele não *tolerou* o seu pecado. Mas tampouco *a condenou*. Ele simplesmente

disse-lhe: “*Vai-te e não peques mais*” (João 8:11).

Davi disse que Deus é “misericordioso e piedoso é o SENHOR; longânimo e grande em benignidade” (Salmos 103:8). O apóstolo João explicou que “se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 João 1:9).

Então, deveríamos tomar medidas para mudar nosso comportamento? A Palavra de Deus oferece o seguinte conselho: “Como purificará o jovem o seu caminho? Observando-o conforme a tua palavra. De todo o meu coração te busquei; não me deixes desviar dos teus mandamentos. Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti” (Salmos 119:9-11). Todo mundo, seja qual for a idade, deveria prestar muita atenção nessas palavras.

Simplesmente sentirmos pesarosos pelo que temos feito não é o suficiente. Deus quer que estudemos diligentemente a Sua Palavra para *aprender Suas regras de vida*. Então, quando *sinceramente começarmos a mudar as nossas vidas*, Deus promete que “ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve” (Isaias 1:18). O genuíno arrependimento seguido pela aceitação do perdão de Deus é parte integrante do nosso desenvolvimento espiritual.

A estabilidade no casamento

O companheirismo é uma das maiores bênçãos que podemos ganhar com um casamento estável e amoroso. Deus reconheceu isso quando nos criou. “E disse o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele” (Gênesis 2:18). “Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque se caírem, um levanta o companheiro; ai, porém, do que estiver só; pois, caindo, não haverá quem o levante” (Eclesiastes 4:9-10, ARA).

A maioria de nós precisa do apoio e do companheirismo de um cônjuge amoroso. Precisamos de alguém especial que podemos compartilhar nossos altos e baixos, triunfos e fracassos. Ninguém pode cumprir esse papel a não ser um cônjuge que partilha conosco um profundo amor e compromisso.

A sociedade sofre porque, desde o início, perdemos a visão da intenção de Deus sobre o casamento. O casamento não é um pré-requisito para, exitosamente, agradar a Deus. Mas é uma grandiosíssima bênção para os casais que tratam uns aos outros como Deus planejou. A maioria das pessoas desejam e necessitam dos benefícios advindos de um casamento estável.

Para voltar à intenção de Deus sobre o casamento devemos dar o respeito que ele merece. Devemos obedecer fielmente o mandamento de nosso Criador “Não cometerás adultério!” (Para saber mais peça ou baixe nosso livro gratuito *O Casamento e a Família: A Dimensão Perdida*).

O Oitavo Mandamento

Dar ao Invés de Tirar

“*Não furtarás*” (Êxodo 20:15).

O Oitavo Mandamento, que proíbe o roubo, chama a atenção pelas duas maneiras opostas de pensar e viver. O enfoque que enfatiza o *ato de receber* ao invés de *dar* tem muita popularidade no mundo. Mas o *enfoque do ato de dar resume o amor de Deus para com os outros*.

O roubo é o resultado da asseveração gananciosa e do caminho de vida da cobiça—que enfatiza a aquisição de materiais e intangíveis, sem respeitar os direitos e sentimentos dos outros. O roubo despreza os acordos e os limites estabelecidos pela sociedade e por Deus. Ele é o epítome do egoísmo.

A intenção espiritual do mandamento contra o roubo é nos mostrar onde começa a batalha contra o egoísmo. E tudo começa quando aprendemos a respeitar os direitos e as necessidades dos outros.

O direito à propriedade

O Oitavo Mandamento salvaguarda o direito a toda pessoa de adquirir e possuir legitimamente propriedades (dentro do entendimento geral de que Deus mantém a propriedade de todo o universo para Si). Deus quer que o direito de as pessoas terem propriedades privadas seja respeitado e protegido.

Sua abordagem sobre nossa obtenção de riqueza material é equilibrada. Ele quer que prosperemos e desfrutemos de bênçãos físicas (3 João 1:2). Ele também espera que demonstremos sabedoria ao usar o que Ele nos proporciona. Mas Ele não quer essas *posses* sejam o principal objetivo de nossas vidas (Mateus 6:25-33). Quando encaramos as bênçãos materiais em um contexto apropriado como um meio para alcançar os objetivos mais importantes, Deus se alegra ao nos ver prosperar.

Para ele é importante que a *generosidade* em vez da ganância motive as nossas escolhas. Porque *dar* e *servir* são qualidades de Seu próprio caráter, por isso Deus pede que nós, de coração, as coloquemos à frente de nossos próprios bens.

Deus ama aos que dão com alegria

Jesus abordou esse conceito quando falou de ajudar os menos afortunados com empréstimos arriscados: “Dê sempre a qualquer um que lhe pedir alguma coisa; e, quando alguém tirar o que é seu [dinheiro emprestado ao pobre], não peça de volta. Façam aos outros a mesma coisa que querem que eles façam a vocês . . . E, se vocês emprestam somente para aqueles

que vocês acham que vão lhes pagar, o que é que estão fazendo de mais? Até as pessoas de má fama emprestam aos que têm má fama, para receber de volta o que emprestaram. Façam o contrário: amem os seus inimigos e façam o bem para eles. Empréstem e não esperem receber de volta o que emprestaram e assim vocês terão uma grande recompensa e serão filhos do Deus Altíssimo. Façam isso porque ele é bom também para os ingratos e maus” (Lucas 6:30-35, BLH).

E Baseando-se no que vem a seguir do que Ele já havia dito sobre ser generoso ao invés de ter um coração egoísta, Jesus continuou: “Dai, e ser-vos-á dado; boa medida, recalcada, sacudida e transbordando vos darão; porque com a mesma medida com que medirdes também vos medirão de novo” (versículo 38).

Deus está disposto a ser nosso parceiro no ato de servir aos outros se substituirmos a ganância pela devoção no servir. Ele observa a medida da intensidade de nossa entrega e compromisso para com esse caminho de vida.

Paulo expressa isso claramente. “Cada um contribua segundo propôs no seu coração, não com tristeza ou por necessidade; porque *Deus ama ao que dá com alegria*. E Deus é poderoso para tornar abundante em vós toda graça [Seu favor] a fim de que, tendo sempre, em tudo, toda suficiência, superabundeis em toda boa obra” (2 Coríntios 9:7-8).

Deus se alegra quando nós, uma vez satisfeitas nossas necessidades, usamos qualquer abundância adicional de bênçãos para aumentar nossa utilidade e serviço aos outros. E assim, Ele vê que estamos começando a entender e seguir o Seu caminho de vida.

Mudando o coração de um ladrão

Como é que tudo isso se relaciona diretamente ao mandamento de não roubar? Paulo nos dá a conexão. “Aquele que furtava não furtar mais; antes, trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o que tiver necessidade” (Efésios 4:28).

Para agradar a Deus, um ladrão deve ir *muito além de simplesmente deixar de furtar*. Alguém uma vez observou sabiamente: “Um ladrão que parou de roubar ainda pode ser um ladrão no coração—pode ser apenas um ladrão temporariamente desempregado. Ele deixará de ser um ladrão somente, e apenas, quando *substituir o roubo pelo dar*”.

Um ladrão tem que mudar seu coração e sua perspectiva.

Outras formas de roubar

Tomar diretamente as posses dos outros não é a única maneira de roubar. Os vigaristas usam golpes sofisticados para enganar suas vítimas. As propagandas enganosas fazem o mesmo. Os fabricantes que enganosamente anunciam seus produtos de qualidade inferior enganam seus clientes. Os trabalhadores que recebem por mais horas do que

trabalharam ou cobram mais do que valem seus serviços estão roubando de quem os contrata.

E há aqueles que “tomam emprestado”, mas nunca mais devolvem. Será que eles não estão roubando? Há tantas maneiras de levar o que não é nosso, que temos de ficar atentos. Poderíamos estar violando o mandamento de Deus contra o roubo sem perceber que estamos fazendo.



Os funcionários que não trabalham, embora sejam pagos para fazer isso estão roubando de seus empregadores. As pessoas que têm prazer em consumir o que os outros produzem enquanto se recusam a fazer a sua parte do trabalho e responsabilidade ou a sua parte na produção de bens e serviços estão envolvidas em uma outra forma de roubo. Eles sugam o que os outros produzem, mas pouco ou de nenhum modo contribuem. Eles levam, porém dão pouco em troca.

A parábola de advertência de Jesus para a pessoa que se recusa a assumir sua responsabilidade pessoal: “Mas, chegando também o que rece-

O roubo é o resultado da asseveração gananciosa e do caminho de vida da cobiça—que enfatiza a aquisição de materiais e intangíveis, sem respeitar os direitos e sentimentos dos outros.

bera um talento disse: Senhor, eu conhecia-te, que és um homem duro, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste; e, atemorizado, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu. Respondendo, porém, o seu senhor, disse-lhe: Mau e negligente servo; sabes que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei” (Mateus 25:24-26).

O homem nesta parábola sabia que sua tarefa era produzir e gerar lucro para seu mestre. Mas, por causa de sua própria visão distorcida, ele voluntariamente optou por ser improdutivo. Ele conhecia as regras e responsabilidades entregues a ele. Por isso, ele não tinha desculpa para seu comportamento relapso.

A parábola de Jesus continua: “Devias, então, ter dado o meu dinheiro aos banqueiros, e, quando eu viesse, receberia o que é meu com os juros. Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem os dez talentos [àquele que tinha sido produtivo]” (versículos 27-28).

O empregador chamou o homem improdutivo de “mau e negligente”. No fundo ele não era diferente de um ladrão. Portanto, seu patrão deu a sua recompensa para o outro que tinha trabalhado duro para beneficiar alguém além de si mesmo. Jesus usou esta parábola para ilustrar a opinião de Deus sobre a auto-piedade e o egoísmo.

Podemos roubar de Deus?

A Bíblia nos ajuda a reconhecer uma outra forma de roubo. A partir do tempo de Abraão (ver Gênesis 14:20) a Bíblia tem mostrado exemplos de como os servos fiéis de Deus reconheceram formalmente que, sem dúvida alguma, Deus é dono de tudo. E eles fielmente Lhe deram um dízimo ou um décimo de suas rendas. Na aliança que Deus fez com



Deus se alegra quando nós, uma vez satisfeitas nossas necessidades, usamos qualquer abundância adicional de bênçãos para aumentar nossa utilidade e serviço aos outros. E assim, Ele vê que estamos começando a entender e seguir o Seu caminho de vida.

a antiga Israel, um décimo de toda renda do povo foi separado para financiar o serviço espiritual dos sacerdotes para a nação. É desnecessário dizer que esta prática do dízimo (que significa dar um décimo) nunca se tornou popular para a maioria do povo. E foi necessária ter a fé de que Deus iria suprir totalmente suas necessidades se fossem um povo que cumprissem.

Por volta dos anos 700 a.C., a desobediência geral às leis de Deus tornou-se tão arraigada na antiga Israel que Deus enviou as dez tribos do norte para o cativeiro pela mão do Império Assírio, deixando apenas as tribos de Judá e Benjamin, e os levitas dispersos, no reino do sul de Judá. Porém, eles continuaram desobedecendo e foram levado cativos pela Babilônia por volta dos anos 500 a.C.

Cerca de um século depois, um pequeno grupo de judeus retornou a Jerusalém e reconstruiu a cidade e o templo. Mas sua lealdade a Deus logo começou a diminuir, como foi antes de seu cativeiro. Através do profeta Malaquias, Deus repreendeu os sacerdotes por negligenciar o ensino de

Suas leis (Malaquias 2:7-9).

Entretantes, Deus reprovou as pessoas que usavam Seu dízimo para si mesmos. “Roubará o homem a Deus? Todavia, vós me roubais e dizeis: Em que te roubamos? Nos *dízimos e nas ofertas* alçadas. Com maldição sois amaldiçoados, porque me roubais a mim, vós, toda a nação” (Malaquias 3:8-9).

Os líderes dos judeus daquela época inverteram a desobediência da nação e *instituíram regulamentos detalhados para forçar todo mundo a cumprir a lei*. Os aspectos físicos desses regulamentos eram rígidos, mas lamentavelmente muitas pessoas continuaram a negligenciar quando se tratava dos aspectos *espirituais* da lei.

Mais tarde Jesus condenou as prioridades equivocadas dos líderes religiosos judeus de Sua época. Jesus apoiou os judeus a continuar observando os aspectos físicos da lei e a fidelidade deles no dízimo. Mas Jesus criticou a incapacidade deles de enfatizar as virtudes espirituais da justiça, misericórdia, fé e amor.

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas!” (Mateus 23:23, ARA). Em outra ocasião, ele mencionou que deviam dar o dízimo sem ignorar “a justiça e o amor de Deus” (Lucas 11:42, ARA).

Jesus disse-lhes que deveriam ter feito *ambos*—tanto praticar a lei do dízimo como também exercitar a justiça, misericórdia, fé e amor. Jesus, portanto, confirma a prática do dízimo—entregar de volta a Deus uma parte daquilo que Ele nos dá. Não devemos tomar para nós mesmos o décimo que pertence a Ele. (Para saber mais, solicite ou baixe o nosso livro gratuito *O Que a Bíblia Ensina Sobre o Dízimo?*)

Além do aqui e agora

Deus quer que tenhamos confiança no futuro. Sua Palavra é cheia de promessas sobre o nosso futuro no Seu Reino. Se acreditarmos nessas promessas, vamos investir nosso tempo e energia em adquirir uma riqueza em tesouros espirituais que irão durar para sempre—tesouros que nenhum ladrão pode roubar.

Esse é o conselho de Jesus Cristo. “Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam. Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam, nem roubam” (Mateus 6:19-20).

Precisamos compreender e aplicar os verdadeiros valores da vida. Precisamos nos concentrar em desenvolver um caráter que perdurará além desta vida física. No centro de tudo isso está *o amor*. O amor piedoso derrota o desejo de roubar!

O Nono Mandamento

A Verdade Como um Caminho de Vida

*“Não dirás falso testemunho contra o teu próximo”
(Êxodo 20:16).*

Quão importante é a verdade? Para apreciar plenamente o Nono Mandamento, com a sua proibição de mentir, temos de perceber o quão importante é a verdade de Deus.

O que as Escrituras nos dizem sobre Deus, Sua Palavra e a verdade? Observe o que vários versículos declaram: “Toda a Palavra de Deus é pura”, diz Provérbios 30:5. Daniel refere-se à Palavra de Deus como “Escritura da Verdade” (Daniel 10:21). Jesus Cristo disse em oração a Deus Pai, “A tua palavra é a verdade” (João 17:17).

A Bíblia toda ensina que “Deus não é homem para que minta” (Números 23:19). E explica que “a palavra do SENHOR é reta, e todas as suas obras são fiéis” (Salmo 33:4), porque “Deus é a verdade” (Deuteronômio 32:4). E “sua verdade estende-se de geração a geração” (Salmo 100:5).

Como a fonte da verdade, Deus exige que seus servos sempre falem a verdade. Sob a inspiração de Deus, o rei Davi escreveu: “Senhor, quem habitará no teu santuário? Quem poderá morar no teu santo monte? Aquele que é íntegro em sua conduta e pratica o que é justo, que de coração fala a verdade e não usa a língua para difamar, que nenhum mal faz ao seu semelhante . . . [e] que mantém a sua palavra, mesmo quando sai prejudicado” (Salmo 15:1-4, NVI).

Deus espera que a verdade *permeie todas as facetas da nossa vida*.

Cristo e a verdade

Restaurar o respeito pela verdade como uma forma universal de vida será uma prioridade quando Jesus Cristo voltar para estabelecer Seu governo. “Assim diz o Senhor: Assim diz o SENHOR: Voltarei para Sião e habitarei no meio de Jerusalém; e Jerusalém chamar-se-á *a cidade de verdade*, e o monte do SENHOR dos Exércitos, monte de santidade” (Zacarias 8:3).

Ao vislumbrar o governo de Cristo no Reino de Deus, Salmo 85 revela a ênfase que Deus dará à justiça e verdade: “Certamente que a salvação está perto daqueles que o temem, para que a glória habite em nossa terra. A misericórdia e a *verdade* se encontraram; a justiça e a paz se beijaram. A *verdade* brotará da terra, e a justiça olhará desde os céus. Também o SENHOR dará o bem, e a nossa terra dará o seu fruto. A justiça irá adiante dele, e ele nos fará andar no caminho aberto pelos seus passos” (versículos 9-13).

Naquele tempo, Jesus Cristo irá insistir para que toda a humanidade siga Seus passos ao aceitar, acreditar e falar a verdade.

A verdade em nosso relacionamento com Cristo

Nosso relacionamento pessoal com Deus através de Seu Filho, Jesus Cristo, começa com nossa aceitação e entrega [submissão] à Palavra de Deus como verdade. “Em quem também vós estais, depois que ouvistes *a palavra da verdade*, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa” (Efésios 1:13).

Quando Jesus foi julgado, pouco antes de Sua crucificação, o governador romano Pôncio Pilatos perguntou se ele era realmente um rei. Jesus respondeu, resumindo sua missão e apontando quem poderia responder à Sua mensagem: “Tu dizes que eu sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, *a fim de dar testemunho da verdade*. Todo aquele que é *da verdade* ouve a minha voz” (João 18:37).

O caráter de Cristo era (e é) um reflexo perfeito do caráter de nosso Pai Celestial, o Deus da verdade. Em resposta a uma pergunta de um de seus discípulos, Jesus disse: “Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e *a verdade*, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (João 14:6). É desejo de Deus que Seus discípulos estejam sempre “*falando a verdade com espírito de amor*, cresçamos em tudo até alcançarmos a altura espiritual de Cristo, que é a cabeça” (Efésios 4:15, BLH).

Para ser discípulos de Jesus Cristo, devemos resolutamente falar a verdade, demonstrando a sinceridade de nosso amor pelos outros. Temos também de aceitar e obedecer, como “caminho da verdade”, os mandamentos e ensinamentos de Deus (Salmo 119:30, 151, 160). Samuel nos diz: “Tão-somente temei ao SENHOR e servi-o fielmente com todo o vosso coração, porque vede quão grandiosas coisas vos fez” (1 Samuel 12:24).

Mentiras sem fim

É quase impossível hoje em dia ter certeza que alguém está dizendo a verdade. Quase todo mundo tenta equilibrar o risco de ser pego aos benefícios percebidos de mentir.

Algumas empresas são surpreendentemente criativas ao camuflar o engano quando anunciam seus produtos. Em quase todo lugar é possível encontrar indivíduos, empresas e outras organizações envolvidas em um jogo sofisticado de como podem enganar sem atrair processos judiciais ou alienar potenciais clientes.

Hoje em dia, mentir é um modo aceitável de vida. Nosso mundo é descrito com precisão no relato de Isaías sobre a antiga Israel: “Ninguém há que clame pela justiça, nem ninguém que compareça em juízo pela verdade; confiam na vaidade e falam mentiras; concebem o mal e dão à luz a iniquidade” (Isaías 59:4, ACF).

Como Deus vê a epidemia de mentiras dos israelitas? “E lhes dirás: Uma

gente é esta que não dá ouvidos à voz do SENHOR, seu Deus, e não aceita a correção; já pereceu a verdade e se arrancou da sua boca” (Jeremias 7:28). “E estendem a língua, como se fosse o seu arco para a mentira; fortalecem-se na terra, mas não para a verdade, porque avançam de malícia em malícia e a mim me não conhecem, diz o SENHOR” (Jeremias 9:3).

Como era naquela, hoje também as pessoas rotineiramente introduzem o engano em seus relacionamentos—pessoais, sociais, políticos, religiosos e econômicos. A falta de honestidade é tão amplamente aceita que a censura pública já não mais desencoraja ao mentiroso. Porque isso tem que vir do interior da pessoa.

Você é sincero?

Agora vem uma pergunta importante para você pessoalmente: *Você mente?*

Talvez fosse melhor ser mais gentil com a palavra formulando a questão um pouco diferente: *Que importância você dá a ser verdadeiro?*

Ou, o reverso da moeda: *Mentir é repugnante para você?*

Estas questões são cruciais. Você precisa perguntar e responder a estas perguntas para si mesmo e sinceramente.

As tentações para mentir nunca acabam. Elas estão sempre presentes. Mentir é uma maneira tão rápida e sem esforço de conseguir uma vantagem sobre os outros. Ela parece oferecer uma fuga rápida e fácil de embarços, medo e culpa. Mas a Bíblia diz: “Os lábios mentirosos são abomináveis ao SENHOR, mas os que agem fielmente são o seu deleite” (Provérbios 12:22).

Estamos diante de uma escolha fundamental: Ou nós seguimos o exemplo de Deus da veracidade e da honestidade em nossas ações e conversas, ou seguimos o exemplo do autor da mentira, Satanás.

Jesus nos diz que o diabo é “mentiroso e pai da mentira” (João 8:44). Ele enganou Eva, e então ela disse para Adão comer o fruto proibido (Gênesis 3:1-6, 17). Este ato de desobediência trouxe o sofrimento e a morte a nossos primeiros pais. O diabo tem enganado e desinformado implacavelmente as pessoas desde então.

A influência maliciosa de Satanás é tão grande que ele “*engana todo o mundo*” (Apocalipse 12:9). É muito fácil para nós seguirmos o seu exemplo em nossas relações com os outros, especialmente quando a mentira é tão comum ao nosso redor.

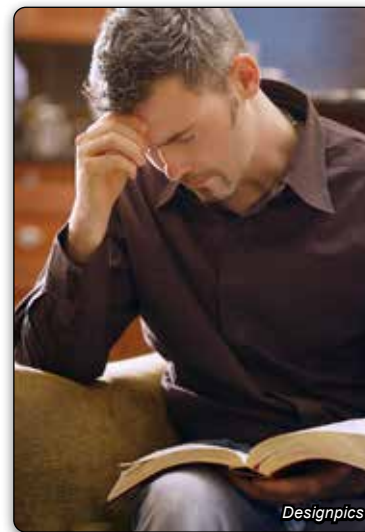
A natureza humana é enganosa

Aprender a ser firme e consistente requer auto-disciplina e coragem, e para ter essa firmeza e consistência precisamos da ajuda de Deus.

Muitas vezes, nos encontramos fazendo coisas que sabemos que são erradas. Então, por que as fazemos? O profeta Jeremias nos dá a resposta. “O coração é mais enganoso que qualquer outra coisa e sua doença é incurável. Quem é capaz de compreendê-lo? ‘Eu sou o Senhor que sonda o coração e examina a mente, para recompensar a cada um de acordo com a sua con-

duta, de acordo com as suas obras” (Jeremias 17:9-10, NVI).

Deus entende a nossa natureza e revela como combatê-la. Jesus explicou que embora possamos estar dispostos a obedecer, a nossa carne é fraca (Marcos 14:38). Falta-nos determinação e força para resistir à tentação. Como, então, podemos neutralizar essa fraqueza?



Deus, através da ‘caneta’ do apóstolo Paulo, explica a causa e a solução para este problema universal humano. Citando-se como um exemplo, Paulo descreveu a eterna luta humana: “Porque bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado. Porque o que faço, não o aprovo, pois o que quero, isso não faço; mas o que aborreço, isso faço” (Romanos 7:14-15).

Podemos nos comparar a Paulo. Nós temos experimentado a mesma frustração e remorso. Paulo continua: “Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus. Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento e me prende debaixo

Nosso relacionamento pessoal com Deus através de Seu Filho, Jesus Cristo, começa com nossa aceitação e entrega à Palavra de Deus como verdade.

da lei do pecado que está nos meus membros. Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (Versículos 22-24). Paulo tinha aprendido que as pessoas precisam de ajuda para superar as fraquezas da natureza humana.

Superar o engano

Outro apóstolo, Pedro, negou a Jesus na noite de Sua traição, mentindo sobre conhecê-Lo (Mateus 26:69-74). Como Pedro, a maioria das pessoas acham quase impossível abandonar todas as formas de falsidade até que entregam suas vidas a Deus e começam a buscar sinceramente Sua ajuda. E essa ajuda está disponível “porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade” (Filipenses 2:13).

Devemos pedir essa ajuda. E como podemos recebê-la? A Palavra de Deus responde-nos: “Visto que temos um grande sumo sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus, retenhamos firmemente a nossa confissão. Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.

Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno” (Hebreus 4:14-16).

Temos em mãos a solução para essa fraqueza humana generalizada e insidiosa. Paulo exortou os membros da Igreja em Éfeso para que “vos revistais do novo homem, que, segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade. Pelo que deixai a mentira e falai a verdade cada um com o seu próximo; porque somos membros uns dos outros” (Efésios 4:24-25).

O caminho da verdade

Aqueles que voluntariamente creem e obedecem a verdade de Deus podem, ao ser batizados e ao receberem o Espírito Santo, tornar-se membros da Igreja que Jesus Cristo edificou. Ele se refere a estes como a “luz do mundo” (Mateus 5:14). Eles representam “o caminho da verdade” (2 Pedro 2:2).

Paulo chama a Igreja de Deus a “coluna e firmeza da verdade” (1 Timóteo 3:15). Seus membros são os servos que servem “ao Deus vivo e verdadeiro” (1 Tessalonicenses 1:9). A Igreja “maneja(ndo) bem a palavra da verdade” (2 Timóteo 2:15), é encarregada por Cristo a pregar “a verdade do evangelho” a todo o mundo (Gálatas 2:5; Mateus 24:14; 28:19).

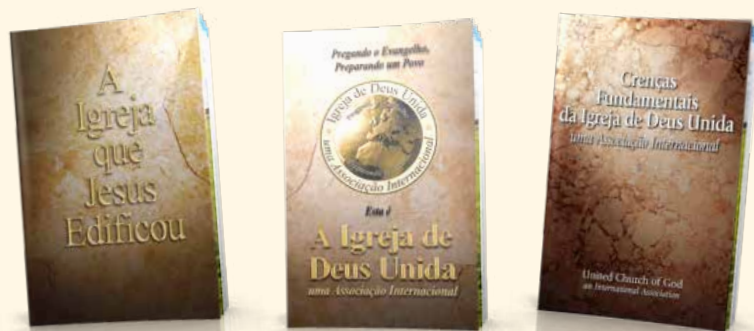
Tudo na vida de um cristão tem que estar ancorado na verdade. Deus quer que, como Seus filhos, nos comprometamos com a verdade e a reflitamos em tudo que fazemos. É por isso que Deus nos ordena em Êxodo 20:16: “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo!”

Para saber mais, solicite as suas cópias gratuitas dos nossos guias de estudo ou baixe da internet:

A Igreja que Jesus Edificou

Esta é a Igreja de Deus Unida

Crenças Fundamentais da Igreja de Deus Unida



<http://portugues.ucg.org/estudos>

O Décimo Mandamento

A Verdadeira Justiça Vem do Coração

“Não cobiçarás a casa do teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo” (Êxodo 20:17).

O último dos dez mandamentos—contra a cobiça—é voltado diretamente para o coração e à mente de cada ser humano. Ao proibir a cobiça, o décimo mandamento define não apenas o que devemos fazer, mas também como devemos *pensar*. Ele nos pede para olharmos profundamente para dentro de nós mesmos e refletir no que vemos.

E assim, como acontece com cada um dos últimos nove mandamentos, este é direcionado aos nossos relacionamentos. Ele trata especificamente dos pensamentos que ameaçam as relações e que podem potencialmente prejudicar a nós mesmos e às pessoas ao nosso redor.

Nossos motivos definem e regulam a nossa maneira de responder a todos com quem entramos em contato. Nossas transgressões da lei amorosa de Deus começam no coração, como Jesus Cristo confirmou. “Porque do interior do coração dos homens saem os maus pensamentos, os adultérios, as prostituições, os homicídios, os furtos, a avareza, as maldades, o engano, a dissolução, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Todos estes males procedem de dentro e contaminam o homem” (Marcos 7:21-23).

Portanto, é justo que a listagem formal desses dez mandamentos fundamentais, que definem o amor de Deus, deve terminar focando em nossos corações como a fonte dos nossos problemas de relacionamento. Pois, é de dentro que vêm os desejos que nos tentam e nos levam ao erro.

O que é cobiça?

Cobiçar significa almejar ou desejar, especialmente por meios excessivos ou abusivos. O Décimo Mandamento não diz que todos os nossos desejos são imorais. Ele nos diz que *alguns* desejos são errados.

A cobiça é um desejo imoral de posse por algo que não é nosso por direito. Geralmente é porque o objeto de nosso desejo já pertence a outra pessoa. Mas a cobiça também pode incluir o nosso desejo por muito mais do que legitimamente merecemos, ou seja, mais que nosso direito. O foco do Décimo Mandamento é que não devemos ilicitamente

desejar nada que já pertence a outros.

O oposto da cobiça é um desejo positivo de ajudar os outros a preservar e proteger as suas bênçãos de Deus. Devemos nos alegrar quando outras pessoas são abençoadas. Nosso desejo deve ser o de contribuir para o bem-estar dos outros, para tornar a nossa presença uma bênção em suas vidas.

A natureza humana é egoísta

Infelizmente, nossa inclinação natural é sempre pensar em nós mesmos em primeiro lugar. Somos muito mais interessados no que podemos obter ao invés do que podemos *dar*. Essa é a essência do que Deus está denunciando no Décimo Mandamento. Ele nos diz para parar de pensar apenas em nós mesmos e para deixar de buscar apenas os nossos interesses. A cobiça é uma visão egoísta da vida, e o egoísmo é a raiz de nossas transgressões das leis de Deus.



Nosso desejo deve ser o de contribuir para o bem-estar dos outros, para tornar a nossa presença uma bênção em suas vidas.

“Mas cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência”, como explica Tiago. “Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte” (Tiago 1:14-15). Tiago observa o quanto podem ser perigosos os desejos descontrolados: “Donde vêm as guerras e pelejas entre vós? Porventura, não vêm disto, a saber, dos vossos deleites, que nos vossos membros guerreiam? Cobiçais e nada tendes; sois invejosos e cobiçosos e não podeis alcançar; combateis e guerreais e nada tendes, porque não pedis” (Tiago 4:1-2).

Como Tiago chama a atenção, a cobiça pode ser uma causa para muitos pecados, inclusive para o assassinato e a guerra. Se não for controlada, aquilo que começa como um pensamento se torna uma obsessão que leva a uma ação. Todos nós temos andado nos “desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos” (Efésios 2:3). Todos deixamos nossos desejos governar nosso comportamento. Assim, todos nós pecamos (Romanos 3:10, 23).

Uma praga universal

A descrição do apóstolo Paulo das pessoas cobiçosas nos últimos dias é instrutiva: “Sabe, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos [difíceis, ARA]; porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te” (2 Timóteo 3:1-5). Essa é uma descrição exata e vívida do nosso mundo!

Nossa sociedade não é a única na história. A cobiça sempre amaldiçoou a humanidade. Ao falar de um dos últimos reis de Judá antiga, Deus observou: “Mas os teus olhos e o teu coração não atentam senão para a tua avareza, e para o sangue inocente, a fim de derramá-lo, e para a opressão, e para a violência” (Jeremias 22:17). No entanto, o problema não se limitou aos reis “porque desde o menor deles até ao maior, cada um se dá à avareza; e, desde o profeta até ao sacerdote, cada um usa de falsidade” (Jeremias 6:13).

Deus manifestou a Sua aversão da cobiça de Israel e advertiu de seu resultado final: “E cobiçam campos, e os arrebataam, e casas, e as tomam; assim fazem violência a um homem e à sua casa, a uma pessoa e à sua herança. Portanto, assim diz o SENHOR: Eis que projeto um mal contra esta geração, do qual não tirareis os vossos pescoços” (Miquéias 2:2-3).

Um exemplo flagrante da aceitação quase universal da cobiça é a crescente popularidade das loterias geridas pelos governos. Milhões de pessoas renunciam a uma parte de seus salários a cada semana na esperança de ganhar uma vida de fantasia, de facilidade e de luxo. Da mesma forma, as mecãs do jogo no mundo são estâncias de férias, especializadas em entretenimento atraente para nossos mais básicos instintos.

Promover a cobiça é um grande negócio. As agências de publicidade e empresas de pesquisa popular reforçam a atração e manipulam os apetites egoístas dos consumidores. Como a antiga Israel, somos uma sociedade cheia de cobiça, desde o menor até o maior.

Uma forma de idolatria

A cobiça é muito mais grave do que apenas uma enfermidade social. Quando colocamos a ganância, a avareza, a luxúria e nosso eu acima de Deus, então a cobiça torna-se idolatria.

Paulo nos adverte: “Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra: a prostituição, a impureza, o apetite desordenado, a vil concupiscência e a avareza, que é idolatria; pelas quais coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência” (Colossenses 3:5-6).

Paulo em outras partes da Bíblia conecta o pecado de cobiçar, especificamente a avareza, com a idolatria, ressaltando que continuar nele pode nos impedir de entrar no Reino de Deus: “Porque bem sabeis isto: que nenhum fornicador, ou impuro, ou avarento, o qual é idôlatra, tem herança no Reino de Cristo e de Deus” (Efésios 5:5).

O combate à cobiça

Jesus ordenou a Seus discípulos a guardar-se “da avareza, porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui” (Lucas 12:15). Da mesma forma, Paulo nos diz: “Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros” (Filipenses 2:3-4).

O caminho de Deus, o caminho do amor, é a prática desse tipo de preocupação com os outros. “Com efeito: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não cobiçarás, e, se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. O amor não faz mal ao próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor” (Romanos 13:9-10).

Para combater a cobiça, devemos ter fé que Deus proverá uma maneira de satisfazer nossas necessidades legítimas. Felizmente, temos boas razões para tal confiança. As Escrituras prometem que Deus nunca nos abandona, se obedecemos e confiamos Nele: “Sejam vossos costumes sem avareza, contentando-vos com o que tendes; porque ele disse: Não te deixarei, nem te desampararei” (Hebreus 13:5).

Paulo expressa os mesmos princípios em outras palavras: “Porque nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele. Tendo, porém, sustento e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes. Mas os que querem ser ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína. Porque o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé e se traspassaram a si mesmos com muitas dores” (1 Timóteo 6:7-10).

A cobiça não pode ser derrotada sem a ajuda de Deus. A atração negativa da natureza humana é demasiadamente poderosa para que possamos vencê-la por nós mesmos.

Para receber a ajuda que precisamos, temos que pedi-la—pedir especialmente que Deus nos dê o Espírito Santo (Lucas 11:13). Então devemos permitir que Seu Espírito trabalhe em nós para mudar a nossa maneira de pensar. “Andai em Espírito e não cumprireis a concupiscência da carne”, escreve Paulo. “Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne; e estes opõem-se um ao outro; para que não façais o que quereis” (Gálatas 5:16-17).

Atos 2:38 explica que podemos receber o Espírito Santo de Deus quando

verdadeiramente nos arrependemos e somos batizados. (Para mais informações sobre como receber o Espírito de Deus, certifique-se de pedir ou baixar nosso livro gratuito *O Caminho para a Vida Eterna*).

Guiando nossos desejos

Precisamos orientar nossos desejos na direção certa. Jesus explicou que devemos “*buscar primeiro o reino de Deus e a sua justiça*” (Mateus 6:33). Como mencionado anteriormente, Ele também nos instruiu: “Ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam, nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração” (Mateus 6:20-21).

Os relacionamentos adequados e produtivos, o entendimento espiritual e a sabedoria são exemplos dos tesouros duradouros que Deus quer que nós desejemos. “E, se clamares por entendimento, e por inteligência alçares a tua voz, se como a prata a buscares e como a tesouros escondidos a procurares, então, entenderás o temor do SENHOR e acharás o conhecimento de Deus” (Provérbios 2:3-5).

Deus diz que “melhor é a sabedoria do que os rubins; e de tudo o que se deseja nada se pode comparar com ela” (Provérbios 8:11). Sua Palavra descreve algumas das recompensas da sabedoria, com a personificação desse atributo declarando: “Melhor é o meu fruto do que o ouro . . . Faço andar pelo caminho da justiça, no meio das veredas do juízo. Para fazer herdar bens permanentes aos que me amam e encher os seus tesouros” (versículos 19-21). Vale a pena procurar a sabedoria com a justiça.

O desejo de se destacar nas atividades de nossa vida pode ser uma ambição apropriada. *Se ser mais útil a Deus e aos outros é o nosso objetivo*, então Deus aprova a nossa busca por habilidades e conhecimentos necessários para alcançar favor e progresso nesta vida. Como um sábio servo de Deus escreveu: “Viste um homem diligente na sua obra? Perante reis será posto; não será posto perante os de baixa sorte” (Provérbios 22:29).

Deus quer que *a preocupação com os outros* seja a motivação para os nossos desejos. Às vezes nosso serviço a eles pode nos trazer recompensas maravilhosas. Mas somente se os nossos corações estão focados em dar ao invés de obter, assim canalizando nossos desejos na direção certa. Devemos substituir a cobiça pelo serviço e amor às outras pessoas.

O livro de Hebreus nos lembra para não esquecer da “prática do bem e a mútua cooperação; pois, com tais sacrifícios, Deus se compraz” (Hebreus 13:16, ARA). Devemos olhar para o exemplo do apóstolo Paulo, que disse: “De ninguém cobicei a prata, nem o ouro, nem a veste . . . Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é necessário auxiliar os enfermos e recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber” (Atos 20:33-35).

Os Dez Mandamentos no Novo Testamento

*“Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados”
(1 João 5:3, ACF).*

O maior capítulo da Bíblia é um prolongado louvor da Palavra e da lei de Deus. “Os que amam a tua lei desfrutam paz, e nada há que os faça tropeçar. Aguardo a tua salvação, Senhor, e pratico os teus mandamentos. Obedeço aos teus testemunhos; *amo-os infinitamente!*” (Salmo 119:165-167, NVI).

Se o mundo inteiro pudesse ver a lei de Deus por essa ótica! Mas, para nossa vergonha, os Dez Mandamentos foram rejeitados como padrão de comportamento humano em nossa sociedade. Até mesmo muitos dos que professam seguir a Cristo hoje os trata como irrelevantes, porque eles foram ensinados que a lei de Deus foi abolida com a morte de Cristo.

No entanto, a Palavra de Deus nos diz que Sua lei é “perfeita” e Suas ordenanças “são verdadeiras, são todas elas justas” (Salmos 19:7, 9, NVI). Assim, o autor entusiasta acima novamente afirmou: “*Obedecerei constantemente à tua lei, para todo o sempre*” (Salmo 119:44, NVI).

Tem alguma importância para nós obedecer ou não aos Dez Mandamentos?

Encontrando a resposta

Não seria maravilhoso se pudéssemos perguntar a Jesus Cristo, se ainda é necessário guardar os Dez Mandamentos, especialmente para receber a vida eterna?

Na verdade, isso não é tão difícil como pode parecer. Esta pergunta foi feita diretamente a Jesus e a Bíblia preservou Sua resposta para nós. “E eis que, aproximando-se dele um jovem, disse-lhe: Bom Mestre, que bem farei, para conseguir a vida eterna?” (Mateus 19:16). Qual foi a resposta de Jesus? Ele disse: “Se você quiser entrar na vida, *guarda os mandamentos*” (Mateus 19:17). Isso é tão claro como cristal. Jesus disse que Ele espera que qualquer um que deseje receber o dom da vida eterna guarde os mandamentos de Deus.

A pessoa, então, pediu para saber exatamente quais os mandamentos que Jesus se referia. Ele tinha os Dez Mandamentos em mente ou estava se referindo às inúmeras doutrinas extrabíblicas ensinadas por outros líderes religiosos?

Jesus não deu lugar a dúvidas. Quando perguntado quais, Jesus respondeu: “Não matarás”, “Não cometerás adultério”, “Não furtarás”, “Não dirás falso

testemunho”, “Honra teu pai e tua mãe”, e “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (versículos 18-19).

Ele recitou brevemente metade dos Dez Mandamentos. Ele então citou um outro mandamento, de Levítico 19:18, que resume a intenção dos mandamentos e confirma a validade do restante da lei. Ele estava claramente se referindo à lei de Deus, não às restrições acrescentadas por outros líderes religiosos (Mateus 15:1-3).

Muitas pessoas já ouviram falar que Jesus aboliu as leis do Antigo Testamento. Aqui, novamente Jesus nos dá a Sua própria resposta direta: “Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; *não vim abolir*, mas cumprir. Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma



desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra. Todo aquele que desobedecer a um desses mandamentos, ainda que dos menores, e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será chamado menor [*por aqueles*] no Reino dos céus; mas todo aquele que praticar e ensinar estes mandamentos será chamado grande [*por aqueles*] no Reino dos céus” (Mateus 5:17-19, NVI).

Mais uma vez, Jesus foi claro e diretamente ao ponto. A lei de Deus não foi abolida, e, segundo as palavras do próprio Jesus Cristo, quem ensina isso está contradizendo direta-

Jesus foi claro e diretamente ao ponto. A lei de Deus não foi abolida, e, segundo as palavras do próprio Jesus Cristo, quem ensina isso está contradizendo diretamente a Ele e está com sérios problemas espirituais.

mente a Ele e está com sérios problemas espirituais.

Muitos supõem que não precisam guardar a lei de Deus porque Cristo “a cumpriu”. Mas essas pessoas não compreendem basicamente as claras palavras de Cristo. A palavra traduzida como *cumprir* nesta passagem significa “tornar completo, preencher ao máximo” (*O Dicionário Completo Expositivo de Vine das Palavras do Antigo e do Novo Testamento*, “Cumprir”), e isso foi exatamente o que Jesus fez. Ele explicou a intenção espiritual por trás de tudo e guardou perfeitamente os Dez Mandamentos, preenchendo completamente o seu significado. Por exemplo, Ele ressaltou que a raiva injustificada equivale ao assassinato (versículos 21-22) e que a luxúria é adultério mental e emocional (versículos 27-28).

Jesus também deixou muito claro que, sem dúvida, *Deus se agrada da pessoa que obedece Suas leis*. Mas quem transgredir os Seus mandamentos afasta-se rapidamente do favor de Deus.

Jesus espera de nós muito mais do que mero elogios aos Mandamentos. Ele exige que façamos como o Pai ordenou. Jesus disse: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que *faz a vontade de meu Pai*, que está nos céus” (Mateus 7:21). Jesus claramente ensinou a obediência à lei de Deus. Simplesmente não há desculpa para acreditar que Jesus veio abolir qualquer mandamentos de Deus.

Paulo ensinou a obediência à lei

Algumas pessoas usam seletivamente partes dos escritos do apóstolo Paulo para dizer que ele ensinava contra as leis de Deus. No entanto, Paulo faz uma das declarações mais poderosas e inequívocas em apoio da obediência à lei de Deus. Contrastando os méritos da circuncisão com os méritos dos mandamentos de Deus, Paulo diz: “A circuncisão é nada, e a incircuncisão nada é, mas, *sim, a observância dos mandamentos de Deus*” (1 Coríntios 7:19). O texto da Bíblia na Nova Versão Internacional é ainda mais enfático, dizendo, “*o que importa é obedecer aos mandamentos de Deus*”.

Na introdução de sua carta à igreja em Roma, Paulo explicou que ele e os outros apóstolos tinham recebido “a graça e o apostolado, para a obediência da fé entre todas as gentes pelo seu nome” (Romanos 1:5). O que Paulo pessoalmente, se esforçava para obedecer? No contexto da descrição sobre a batalha que todos nós travamos contra as fraquezas da carne, Paulo disse: “Assim que eu mesmo, com o entendimento, sirvo à lei de Deus” (Romanos 7:25). A lei de Deus foi escrita na mente e no coração de Paulo assim também acontece conosco (Hebreus 10:16).

Paulo explicou claramente sua visão pessoal da lei de Deus: “Assim, a lei é santa; e o mandamento, santo, justo e bom” (Romanos 7:12). E “no íntimo do meu ser tenho prazer na Lei de Deus” (versículo 22, NVI). Ele a chama de uma lei “espiritual” (versículo 14). Paulo ensinou: “Porque não são os que ouvem a Lei que são justos aos olhos de Deus; mas os que obedecem à Lei, estes serão declarados justos” (Romanos 2:13, NVI). Estas são afirmações claras mostrando que *Paulo defendia totalmente a lei de Deus*.

Aqueles que se opunham a Paulo foram os primeiros a acusá-lo falsamente de transgredir a lei. Eles introduziram uma acusação que tem sido repetida através dos séculos. Em sua defesa, Paulo negou energicamente que, de algum modo, fosse um infrator. Em um de seus julgamentos “os judeus que haviam descido de Jerusalém, traziam contra Paulo muitas e graves acusações, que não podiam provar. Mas ele, em sua defesa, disse: *Eu não pequei em coisa alguma* contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César” (Atos 25:7-8).

Em um cenário semelhante Paulo notadamente disse aos que o julgavam que ele continuava a usar as Escrituras do Antigo Testamento como a autoridade para suas crenças: “Mas confesso-te que, conforme aquele Caminho, a que chamam seita, assim sirvo ao Deus de nossos pais, crendo tudo quanto está escrito na Lei e nos Profetas” (Atos 24:14).

As acusações—de antes ou de agora—de que Paulo ensinava contra a lei de Deus são falaciosas. Até mesmo em sua pregação aos gentios, ele disse: “Não me atrevo a falar de nada, exceto daquilo que Cristo realizou por meu intermédio em palavra e em ação, *a fim de levar os gentios a obedecerem a Deus*” (Romanos 15:18, NVI). *O próprio Paulo obedeceu aos mandamentos de Deus e os ensinou tanto a judeus como a gentios*.

Pedro e João ensinaram a obediência

O apóstolo João define claramente o pecado, dizendo-nos que o “pecado é a transgressão da lei” (1 João 3:4, ARA). Como Paulo, João descreve os santos como “*os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus*” (Apocalipse 14:12). Ele também nos entrega esta séria advertência: “Aquele que diz: Eu conheço-o e não guarda os seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade” (1 João 2:4).

Pedro entrega um aviso semelhante: “Porquanto se, depois de terem escapado das corrupções do mundo, pelo conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, forem outra vez envolvidos nelas e vencidos, tornou-se-lhes o último estado pior do que o primeiro. Porque melhor lhes fora não conhecerem o caminho da justiça do que, conhecendo-o, desviarem-se do santo mandamento que lhes fora dado” (2 Pedro 2:20-21).

No capítulo final da Bíblia, Jesus Cristo através do apóstolo João (Apocalipse 1:1) nos lembra da suprema importância dos mandamentos de Deus para nossa vida eterna: “Bem-aventurados *aqueles que guardam os Seus mandamentos*, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas” (Apocalipse 22:14, ACF).

É importante acreditarmos no que Jesus e Seus apóstolos disseram sobre *o ponto de vista deles acerca dos mandamentos de Deus*. Uma vez que isso fique bem claro para nós, então o arrazoamento de homens não pode nos impedir de respeitar e obedecer, de coração, esses mandamentos.

Deus disse a Moisés: “*Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem e guardassem todos os meus mandamentos todos os dias, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos, para sempre!*” (Deuteronômio 5:29). E Jesus disse: “*Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor*” (João 15:10).

Lembre-se do conselho do primeiro Salmo: “Bem-aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, *tem o seu prazer na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite*. Pois será como a árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto na estação própria, e cujas folhas não caem, e tudo quanto fizer prosperará” (Salmo 1:1-3).

A escolha é nossa

Cada pessoa deve escolher se obedece ao Deus vivo, que nos deu os Dez

Mandamentos, ou não. Seus padrões podem ser as diretrizes para os nossos pensamentos, o critério para o nosso comportamento. Eles podem moldar nossas mentes e corações. Ou podemos ignorá-los e escolher outro caminho.

Ao tomar a nossa decisão, devemos nos lembrar das palavras de Jesus Cristo, “Se você quer entrar na vida, *guarda os mandamentos*” (Mateus 19:17). Deus adverte-nos a ponderar a nossa escolha em Deuteronômio 30:15-19: “Vês aqui, hoje te tenho proposto a vida e o bem, a morte e o mal; *porquanto te ordeno, hoje, que ames o SENHOR, teu Deus, que andes nos seus caminhos e que guardes os seus mandamentos* . . . te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; *escolhe*, pois, *a vida*, para que vivas, tu e a tua semente”.

Será que a Nova Aliança Aboliu os Mandamentos?

A Bíblia nos diz que Cristo veio como o Mediador de uma nova Aliança [ou concerto] (Hebreus 8:6). A crença popular de que a Nova Aliança [Novo Concerto] aboliu a lei de Deus reflete a incompreensão de ambas as alianças. Deus nos diz que Ele alterou a aliança original para fazer “uma melhor aliança que está confirmada em melhores promessas” (versículo 6, ACF). Mas essa aliança não foi estabelecida em leis diferentes. *A lei permaneceu a mesma.*

Houve, no entanto, um ponto fraco, ou falha, na aliança original. Essa falha foi do povo, e não da lei. “Porque, *repreendendo-os*, lhes diz: Eis que virão dias, diz o Senhor, em que com a casa de Israel e com a casa de Judá estabalecerei uma nova aliança” (versículo 8, ACF). Isso aconteceu porque o povo “não permaneceram naquela minha aliança, eu para eles não atentei, diz o Senhor “ (versículo 9, ACF).

Na Antiga Aliança, Deus escreveu a lei em tábuas de pedra. Ela era física, não era parte do pensamento e as motivações das pessoas. Estava em sua literatura, mas não em seus corações. Na Nova Aliança, Deus escreve a lei nas mentes e nos corações do Seu povo (Hebreus 8:10; Jeremias 31:33-34).

Para permitir que as pessoas assimilassem a Sua lei—para amá-la e obedecê-la zelosamente e de boa vontade—Deus fez esta promessa: “E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis” (Ezequiel 36:26-27). O Espírito de Deus possibilita que Seu povo obedeça as Suas leis.

As pessoas sem o Espírito Santo são incapazes de obedecer sinceramente. Por quê? “Porquanto a inclinação da carne é inimizada

contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus” (Romanos 8:7-8).

É por isso que a Antiga Aliança e a Nova Aliança diferem. Paulo explica que “o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne”, Deus realizou ao enviar Jesus, que superou a fraqueza da carne e “condenou o pecado [iniquidade] na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Romanos 8:3-4, ver também 1 João 3:4).

O *Comentário Internacional Crítico* [*The International Critical Commentary*], em referência a Romanos 8:4, diz: “O propósito de Deus em ‘condenar’ o pecado foi para que o requisito da Sua lei pudesse ser cumprido em nós, isto é, que sua lei pudesse ser estabelecida no sentido de, finalmente, ser verdadeira e sinceramente obedecida—isto é, o cumprimento das promessas de Jeremias 31:33 e Ezequiel 36:26”.

Numa nota de rodapé de Jeremias 31:33-34 o comentário explica que essa passagem que “muitas vezes é mal interpretada como uma promessa de uma nova lei para tomar o lugar da antiga, ou então como uma promessa de uma religião sem nenhuma lei. Mas o que foi prometido no versículo 33, de fato, não é nem uma nova lei e nem desobrigação da lei, mas um desejo e uma determinação sincera de dentro por parte do povo de Deus para obedecer a lei que já havia sido dada a eles . . .”

As seguintes passagens do Novo Testamento confirmam, ou explicitamente ou por exemplos, que Jesus Cristo e os apóstolos encaravam os Dez Mandamentos como uma parte necessária da vida cristã.

Primeiro Mandamento: Mateus 4:10; 22:37-38.

Segundo Mandamento: 1 João 5:21, 1 Coríntios 6:9; 10:7, 14; Efésios 5:5.

Terceiro Mandamento: Mateus 5:33-34; 7:21-23, Lucas 11:2, 1 Timóteo 6:1.

Quarto Mandamento: Lucas 4:16, Atos 13:14, 42, 44; 16:13; 17:2; 18:4, Hebreus 4:4, 9.

Quinto Mandamento: Mateus 15:3-6; 19:17-19, Efésios 6:2-3.

Sexto Mandamento: Mateus 5:21-22; 19:17-18, Romanos 13:9, Gálatas 5:19-21, Tiago 2:10-12.

Sétimo Mandamento: Mateus 5:27-28; 19:17-18; Romanos 13:9, 1 Coríntios 6:9; 10:8, Efésios 5:5, Gálatas 5:19-21, Tiago 3:10-12.

Oitavo Mandamento: Mateus 19:17-18, Romanos 13:9, Efésios 4:28.

Nono Mandamento: Mateus 19:17-18, Romanos 13:9, Colossenses 3:9, Efésios 4:25.

Décimo Mandamento: Lucas 12:15, Romanos 7:7; 13:9, Efésios 5:3, 5.

A Fé, a Graça e a Lei

Paulo ensinou que a salvação é um dom de Deus pela graça mediante a fé (Efésios 2:8). A palavra grega para “graça” é *charis*, que significa um presente ou favor. No Novo Testamento, pode-se referir tanto ao dom de Deus de misericórdia quanto ao Seu favor gracioso.

Paulo deixa claro, através de seus escritos, que a graça de Deus para a salvação “não vem das obras, para que ninguém se glorie” (versículo 9). Mas perspectiva geral de Paulo em relação as obras cristãs é geralmente ignorada pelos opositores da obediência à lei de Deus.

Veja a perspectiva de Paulo no versículo seguinte: “Porque somos feita sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas” (versículo 10). Aqueles que ignoram as razões pelas quais somos “feitura” de Deus, que ignoram por quê que somos “criados em Cristo Jesus para as boas obras” e por quê que devemos “andar nelas”, não entendem uma parte muito importante da mensagem de Paulo.

Observe a correlação que Paulo fez entre as obras obedientes para a salvação e a obra de Deus dentro de nós, a qual nos possibilita cumprir o Seu propósito para nós. “De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade” (Filipenses 2:12-13).

Certamente o perdão e a salvação são dons de Deus. E não podem ser adquiridos. Como seres humanos não possuímos nada de valor suficiente para pagar pelo perdão dos nossos pecados e pela nossa salvação. No entanto, Jesus claramente nos diz que “se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis” (Lucas 13:3, 5). Através do arrependimento nós não ganhamos a salvação, mas o *arrependimento é um pré-requisito para a salvação*.

O arrependimento consiste simplesmente em se afastar do pecado, abandonando o comportamento iníquo (1 João 3:4). *Não podemos receber o Espírito Santo e ser convertido a menos que estejamos dispostos a nos arrepender e viver como pessoas cumpridoras da lei* (Atos 2:38).

A fé é outro pré-requisito para a salvação. Lemos que “sem fé é impossível agradar a Deus” (Hebreus 11:6). Somos “justificados

gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue” (Romanos 3:24-25). Mas simplesmente porque a fé é requerida por Deus não significa que por ela nós ganhamos a salvação.

Tampouco ganhamos a salvação pelas obras. Mas, como mostram muitas escrituras citadas neste livro, claramente Deus espera fé e obediência daqueles a quem Ele quer dar o dom da vida eterna. Aqueles que se opõem à obediência às leis de Deus escolhem enfatizar algumas declarações de Paulo e ignoram totalmente outras que esclarecem sua intenção.

A discussão de Paulo sobre a fé e as obras em Romanos 3 é uma dessas passagens. No versículo 28 lemos: “Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei”. Inicialmente, Paulo está falando sobre a justificação—a morte de Cristo cobre nossas transgressões anteriores e Deus aceita nossa determinação de se arrepender e mudar. Ele está mostrando que nós nunca poderíamos ganhar o perdão.

Mas isso não tem nada a ver com *a maneira que devemos viver*. Não tem influência alguma sobre a importância da lei de Deus como guia para o nosso comportamento. Paulo está falando apenas de como os “pecados dantes cometidos” podem ser “remidos” (ou “deixado impunes”—versículo 25) para que possamos seguir com nossas vidas como servos obedientes de Deus.

Para ter certeza de que isso fosse entendido, Paulo diz no versículo 31, *“Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma! Antes, estabelecemos a lei”*.

Paulo quer nos fazer entender que ele nunca nem mesmo insinuou que a lei de Deus foi anulada ou abolida. Ao contrário, sem a lei, nós não teríamos como entender o que é pecado ou não, porque “pela lei vem o conhecimento do pecado” (versículo 20). Lembre-se, para o pecado existir tem que haver lei porque “o pecado é transgressão da lei” (1 João 3:4, ARA).

Portanto, Paulo está dizendo que o conceito da “graça” de Deus ou perdão estabelece que a *Sua lei ainda esteja em vigor* e que o pecado é quebrar essa lei. A graça de Deus mediante a fé exige uma lei que defina os pecados que serão perdoados. *Por outro lado, devemos reconhecer que a fé é o que faz possível a obediência adequada*. Então, repetindo Paulo, “Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma! Antes, estabelecemos a lei”.

Para saber mais sobre este assunto, solicite ou baixe o nosso livro gratuito *A Nova Aliança: A Lei de Deus Foi Abolida?*

O Novo Mandamento de Cristo

Jesus disse: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis” (João 13:34).

Será que Jesus substituiu a definição clara do amor nos Dez Mandamentos por um novo princípio religioso, que diz que basta o amor para guiar nossas vidas?

Será que este novo mandamento substitui os Dez Mandamentos e todas as outras leis bíblicas? Jesus respondeu claramente a esta questão fundamental, quando disse: “*Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas*” (Mateus 5:17).

Contudo, muitas pessoas que crêem em Cristo como seu Salvador também acreditam que este novo mandamento libera-os de qualquer obrigação de obedecer às leis de Deus. Eles não entendem o que Jesus disse e o que quis dizer. As Sagradas Escrituras, no Antigo e Novo Testamento, ensinam que devemos amar uns aos outros (Levítico 19:18). Jesus não introduziu o amor como um *novo* princípio. Pois, isso *já* estava na Bíblia e é uma parte fundamental da instrução de Deus a antiga Israel.

Então, o que tinha de novo no “novo mandamento” de Cristo? Observe a Sua formulação. Ele disse que devemos “amar uns aos outros, como *Eu vos amei a vós . . .*”.

O que era novo era o Seu próprio exemplo de amor! O mundo inteiro tem, em Jesus, um modelo perfeito do amor de Deus no Seu exemplo primoroso de obediência amorosa. Cristo nos amou tanto que Ele sacrificou sua própria vida por nós. Ele próprio explicou: “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos” (João 15:13).

Jesus veio como a luz do mundo para iluminar a aplicação e a prática da lei real do amor. Não temos mais uma desculpa para dizer que não entendemos o que fazer ou como fazer. Jesus demonstrou o que realmente é a obediência amorosa: “se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor” (João 15:10).

Estamos em conformidade com o novo mandamento de Jesus quando obedecemos a todos os mandamentos de Deus de uma forma verdadeiramente amorosa e quando estamos dispostos a arriscar nossas vidas para o bem dos outros.

ENDEREÇOS POSTAIS

Estados Unidos da América:

(Pode pedir em Português, Espanhol ou Inglês)
Igreja de Deus Unida
P O Box 541027
Cincinnati, OH, 45254-1027
Telefone: +1 (513) 576 9796

Inglaterra:

United Church of God
P O Box 705
Watford,
Herts WD19 6FZ
Telefone: +44 (0)20-8386-8467

Brasil:

Igreja de Deus Unida
Caixa Postal 2027
Uberlândia – MG,
CEP 38400-983
Telefone: +1 (513) 576 9796

Internet:

<http://portugues.ucg.org>
www.ucg.org
<http://www.ucg.org/beyond-today>
e-mail: info@ucg.org

Autor: Roger Foster

Revisores editoriais: Scott Ashley,

Paul Kieffer, Burk McNair, Tom Robinson,
John Ross Schroeder, Mario Seigle, Donald Ward

Capa: Photo illustration por Shaun Venish

Artista de layout em Português: Michelle Vautour

Tradutores: Anónimo e Giovane Macedo

Revisor da tradução: Jorge Manuel de Campos